

A Anta das Cabeças

Por
DOUTOR GEORG LEISNER
e
VERA LEISNER

Na segunda metade do século passado, quando o estudo das culturas pré-históricas levou ao alargamento dos quadros gerais da História, as construções megalíticas saíram finalmente da penumbra mítica das lendas populares para passarem a ser encaradas à luz da observação científica.

Na Península Ibérica, a primeira sepultura megalítica a suscitar o interesse dos investigadores foi a Cueva de Menga, junto de Antequera, na Andaluzia, cujo conhecimento cedo transpôs os Pirenéus, graças aos trabalhos de vários especialistas ⁽¹⁾. Apesar dos progressos cada vez mais rápidos da investigação megalítica, aquela gigantesca construção ainda não foi sequer igualada, e muito menos excedida, quer em grandeza quer em importância. Contudo, hoje como quando foi descoberta, muitos dos problemas que suscita encontram-se ainda sem solução. Por um lado, a pilhagem quase completa, que sofreu, dificulta a determinação exacta da cronologia, e, por outro, não havia termo de comparação para a sua arquitectura, visto ainda se não ter encontrado em nenhuma das outras sepulturas megalíticas conhecidas, já em número de mais de um milhar, a mesma câmara longa trapezoidal com a cobertura megalítica apoiada em pilares.

Julgamos por isso de considerável importância uma sepultura que descobrimos no Alentejo em Março de 1944, a qual, se bem que em menores

⁽¹⁾ Para a bibliografia desta sepultura, vide: Georg und Vera Leisner, «Die Megalithgräber der Iberischen Halbinsel», 1.ª parte. «Römisch-Germanische Forschungen», vol. 17, Berlim 1943, págs. 178 e segs.

proporções, apresenta uma planta e um alçado idênticos aos da Cueva de Menga. Trata-se da *Anta das Cabeças*, no distrito de Évora, concelho de Arraiolos, freguesia da Igrejinha, Herdade das Cabeças.

Situação: O monte da Herdade das Cabeças ⁽²⁾ fica a três quilómetros para sul da aldeia da Igrejinha, a cerca de uns doze quilómetros ao norte de Évora, junto do velho caminho que liga estes dois locais. Apesar de ser este o trajecto mais curto, o acesso à sepultura faz-se, porém, mais comodamente por Arraiolos, porquanto, a 5 quilómetros desta vila, parte da estrada nacional para Estremoz uma boa estrada para Igrejinha.

O terreno da Herdade das Cabeças é ligeiramente ondulado. Um pouco para norte do Monte ergue-se em direcção nor-noroeste a partir da estrada uma colina, em cujo topo ⁽³⁾, a 700 metros N. 10° O. do Monte das Cabeças e a 1 quilómetro a sul-sudoeste do Monte do Almo, se encontra a sepultura. Estas elevações constituem a fronteira entre as bacias hidrográficas do Divor e do Degebe, afluentes respectivamente do Tejo e do Guadiana. O panorama que delas se disfruta estende-se para sul, por sobre a cidade de Évora, até à Serra de Portel e, para oriente, sobre Évora-Monte até à Serra de Ossa, ao passo que, a noroeste, se ergue a alta vila de Arraiolos, e, a norte, o extremo sul das alturas de Tera fecham o horizonte.

A construção, quase completamente despojada da colina tumular, é visível de qualquer lado e apresenta o aspecto pitoresco da anta alentejana (Est. IX). Quando descobrimos a sepultura, ao passo que os blocos murais da câmara se encontravam a descoberto no interior até metade da sua altura total, o corredor, pelo contrário, estava quase completamente soterrado (Est. II, 1). Do lado sul, podia-se lobrigar o interior da sepul-

⁽²⁾ Desejamos exprimir aqui o nosso reconhecimento aos Ex.^{mos} proprietários da herdade, Sr. Joaquim Pontes Buralho e D. Leonilde Borges Buralho, e ainda ao rendeiro da mesma, Sr. José Plancha, não só pela gentileza de nos autorizarem a excavação da anta como por todo o auxílio que nos prestaram. Desejamos ainda agradecer ao nosso velho amigo, Ex.^{mo} Sr. José de Oliveira Saragoça, as preciosas indicações e todo o apoio que, neste como em tantos outros casos, nos prestou.

⁽³⁾ Designado pela altura 313 no mapa de 1:50000 da Direcção Geral dos Trabalhos Geodésicos.

tura graças à abertura determinada pela falta do esteio *i*, o que imediatamente nos revelou a peculiaridade da construção: o pilar no centro da câmara (Est. X, 2).

Forma e tipo architectónico; Planta (Est. I, 1): O comprimento total da construção é de 9 m., dos quais 5,70 m. pertencem à câmara e 3,30 m. ao corredor. Esta proporção corresponde aproximadamente à da Cueva de Menga ⁽⁴⁾.

A planta da câmara constitui um trapézio alongado, com 2,60 m. de largura na pedra de cabeceira, que se vai estreitando em direcção à entrada da câmara, onde a largura é apenas de 1,80 m. As paredes laterais, cada uma de quatro esteios, começam em ângulo recto na pedra de cabeceira — a qual se sobrepõe ligeiramente ao primeiro esteio lateral que se conserva na parede norte — e seguem quase em linha recta. Todos os esteios ainda hoje se conservam na sua posição primitiva, com excepção da pedra *i* e da pedra *d*. A base desta última recuou um pouco em virtude do seu topo ter descaído para a frente.

Na planta, a passagem da câmara para o corredor mal se consegue distinguir do lado norte, no qual só a pedra *n* determina um ligeiro estreitamento de superfície. Do lado sul, porém, a parede do corredor destaca-se mais da câmara graças às duas pedras *t* e *u*, dispostas obliquamente em relação ao eixo longitudinal. O corredor tem 1,25 m. de largura à saída da câmara e vai estreitando para fora até só ter 0,70 m. O corredor propriamente dito termina no extremo das pedras *o* e *s*, a dois metros da entrada da câmara. As restantes pedras, dispostas exteriormente a um nível mais alto, pertencem como a um átrio exterior, por certo logo de início a descoberto.

Situação no terreno: O túmulo encontra-se quase no alto duma colina. Em seu redor, o terreno descai para norte, sul e ocidente (Est. V), ao passo que, para oriente, constitui um pequeno planalto de uns 100 m. A sepultura está situada na encosta desse planalto, por forma que o ter-

⁽⁴⁾ Cueva de Menga: comprimento da câmara, 18 m; comprimento do corredor, 9 m; 6 m cobertos. Anta das Cabeças: comprimento da câmara, 5,7 m; comprimento do corredor, 3,3 m; 2 m cobertos.

reno desce um pouco desde a entrada do corredor até à pedra de cabeceira (Est. X, 1). O extremo oriental da colina tumular, ainda hoje claramente marcado por uma das pedras de envolvimento, fica à altura do planalto. Desde aí, o terreno desce 0,70 m. até à pedra de cabeceira e ao todo 1,40 m. até à extremidade ocidental da colina tumular. Esta divergência em relação à prática geral de orientar o corredor no sentido descendente, coaduna-se, porém, com a sua própria arquitectura, porquanto, ao invés da câmara, não se compõe de altas lages cravadas no solo mas de blocos baixos, depositos apenas ao nível do solo do corredor, o que se coaduna com a configuração do terreno.

Do lado oriental, o primitivo solo da câmara tumular, posto a descoberto no decurso da escavação, fica em média 0,50 a 0,70 m. abaixo do actual nível do terreno, ou, entrando em linha de conta com os restos da colina tumular, 0,30 a 0,40 m. abaixo do terreno natural. O lado ocidental da câmara foi mais profundamente revolvido do que o oriental; a face inferior do esteio *i*, caído para dentro da câmara, chega a estar 0,40 m. abaixo do solo da parte oriental da câmara. Mas, a julgar pela conformação dos esteios *a* e *b*, não é de supor que, primitivamente, o solo se encontrasse aí consideravelmente mais abaixo.

Material e sua utilização; Alçado (Ests. I-IV): O material da construção é o granito. Só as pedras *p*, *q*, *r* e *v*, assim como as que circundam a colina tumular, são de xisto. Como a sepultura se encontra no extremo limite do granito e, por isso, já não surgem nas suas cercanias imediatas grandes blocos graníticos, o material foi sem dúvida trazido da distância de alguns quilómetros. Quase todas as pedras foram trabalhadas na face interior e nas arestas com instrumentos líticos, reconhecendo-se pelas arestas superiores que em todas se tentou estabelecer uma superfície horizontal de apoio para a cobertura. O ajustamento lateral dos esteios é geralmente bom e estes em caso algum ficam salientes em relação uns aos outros. Só pelo facto de estreitarem para baixo é que surgem falhas, estas mesmo preenchidas por cunhas de pedra ou pedras soltas. Sobre tudo o pilar e a placa *k*, que lhe fica fronteira, estão muito bem trabalhados. Dos esteios da câmara, a pedra de cabeceira (*a*) sobressai pela sua forma irregular e por haver sido pouco trabalhada. Não passa de uma placa relativamente pouco espessa e um tanto côncava para o centro tanto

no sentido horizontal como no vertical, para o que devem ter concorrido as dificuldades de obtenção de material. A meia altura é atravessada por uma fenda, primeiro horizontal, e depois inclinada para baixo. A pressão exercida pela laje de cobertura fez com que a parte superior da pedra de cabeceira, da fenda para cima, descaísse um pouco para o interior (Ests. III, 1 e 2; X, 2).

Os restantes esteios do lado ocidental da câmara são fortes e bem trabalhados. Estão todos a prumo ou quase. Junto da pedra *b*, fizemos uma sondagem para determinar o modo da construção e a altura total dos blocos. A 0,60 m. abaixo do solo deparámos com uma forte pedra de apoio, que impediu um maior aprofundamento. Considerando a curvatura das arestas, a pedra *b* deve ter ao todo 3,20 m. de altura (Est. I, 2). Alguns outros esteios, a julgar pelo seu estreitamento de cima para baixo, deverão estar um pouco menos cravados no terreno. A altura da câmara decresce ligeiramente em direcção ao corredor: os dois esteios exteriores de cada parede são uns 0,30 m. mais baixos do que os interiores.

A *pedra de cobertura 1* encontra-se actualmente apoiada na pedra de cabeceira, no esteio *b* e no pilar. Este pilar encontra-se a 2,30 m. de distância da pedra de cabeceira, quase a meio do espaço limitado pelas paredes setentrional e meridional da câmara. A pedra de cobertura *1*, com o correr do tempo, descaiu um pouco para sul, como se infere da sua actual posição sobre o pilar. É de crer que o esteio derrubado *i* a tivesse primitivamente mantido em posição horizontal.

O *pilar* (Ests. III, 1, 3 e 5; XI) é, na sua metade superior, de secção irregularmente rectangular, consideravelmente arredondada na aresta sudoeste. Mais para baixo, a secção ainda mais se aproxima duma oval (Ests. I, 1; II, 1). Cerca do primitivo nível do solo da câmara, o pilar deixa de ser regularmente trabalhado. Uma acentuada protuberância da aresta sudeste alarga a superfície da base. A 0,25 m. abaixo do nível do solo, encontram-se várias cunhas de pedra cravadas obliquamente em redor do pilar, das quais conseguimos distinguir quatro (Est. III, 5). Por precaução, não retirámos o preenchimento de terra que se encontra entre o pilar e a placa *k*. A julgar pelo seu gradual estreitamento do meio para baixo, o pilar ainda se deve encontrar cravado no subsolo pelo menos 0,50 m. Do meio para cima, vai também estreitando, porquanto a sua face voltada para o corredor se encontra talhada obliquamente. O pilar

sustenta ainda, numa superfície completamente trabalhada de 12×70 cm., a aresta da pedra de cobertura *I*, a qual, como dissemos, se encontra actualmente apoiada apenas no seu terço meridional e que, pela pressão unilateral que exerce, lascou um pouco a aresta superior do pilar (Est. III, 3).

A *pedra de cobertura 2*, quase tão grande como a *I* e de igual espessura, assenta apenas nos dois esteios opostos *d* e *h*. Ao passo que o esteio *h*, um dos blocos mais fortes e mais firmes de toda a construção, nada se deslocou, o esteio *d*, constituído por uma laje um pouco menos espessa, descaiu consideravelmente para o interior da câmara, sob o peso da citada pedra de cobertura. O apoio de uma pedra de cobertura, assim tão pesada, apenas em dois pontos opostos afasta-se do tipo geral das construções megalíticas alentejanas, nas quais, tratando-se de câmaras poligonais, as pedras de cobertura se encontram por via de regra devidamente apoiadas, como manifesto conhecimento das leis estáticas por parte dos construtores, que não raro chegaram mesmo a empregar o sistema de apoio em tripé. Em vista disto, poder-se-ia perguntar se o pilar teria primitivamente servido também de apoio a esta segunda pedra de cobertura, tanto mais que se encontram pilares e lajes de apoio na junção de duas pedras de cobertura em construções similares, como na Cueva de Menga e na sepultura D de Gandul ⁽⁵⁾.

Contra essa hipótese, que pressupõe o pilar primitivamente em posição vertical, opõem-se, porém, não só a firmeza com que este se encontra fixado e cunhado ao solo na sua actual posição oblíqua, mas ainda a placa *k* que lhe está fronteira e se encontra igualmente *in situ*, a distância e o perfil das arestas das pedras de cobertura, e, por fim, a pequena e estreita superfície superior do pilar em que assenta a pedra de cobertura *I*, seguramente na sua primitiva posição. O que se pode inferir desta posição oblíqua do pilar di-lo-emos ainda, aliás mais fundamentadamente.

A *placa k* acima citada (Ests. III, 1, 3 e 4; XI) atravessa a câmara até dois terços da sua largura total, imediatamente a oeste do pilar, do qual se encontra, na base, a uma distância de 0,20 m., mas no qual quase toca no topo. É pouco espessa, bem trabalhada, tem de altura máxima

⁽⁵⁾ Leisner, ob. cit. «Die Megalithgräber...», Ests. 56, 63, 104 e 107.

1,20 m. e está a prumo. Do lado oriental, apresenta um ligeiro ressalto junto do solo, a partir do qual estreita para baixo em aresta viva (Est. III, 4). No subsolo, encontrámos neste ponto uma cunha de apoio a 35 cm. de profundidade. Do lado ocidental, nada podemos apurar, porquanto o solo está coberto pelo esteio derrubado *i*. Junto do esteio *h* da parede meridional, a laje, aí ainda com 70 cm. de altura, tem uma forte pedra a cunhá-la na aresta ocidental.

A *pedra de cobertura 3*, (Est. IV, 2), muito menos larga do que as duas outras, assentava primitivamente nos esteios *e* e *f*, do último dos quais, porém, resvalou, pelo que se encontra hoje de través na câmara, apoiada à pedra *e* e à pedra de encerramento da câmara. A sua queda deve ter-se dado relativamente tarde, porque a câmara já então se encontrava bastante cheia de terra.

O *corredor* é 1,10 m. mais baixo do que os esteios adjacentes da câmara. As suas paredes são constituídas por cinco blocos de pedra muito espessos, que, como já dissemos, não estão cravados mas simplesmente depositos no solo.

A *pedra de encerramento da câmara (m)* (Est. IV, 3), uma placa espessa, um tanto alisada na face interior, está inclinada em direcção à câmara, da qual fecha a abertura determinada pela diferença de alturas entre a câmara e o corredor. É levemente arqueada na orla inferior, mas, mesmo assim, a entrada para a câmara fica apenas com 0,70 m. de altura. Assenta, do lado meridional, no bloco *i* do corredor, e, do lado setentrional, hoje apenas num montículo duro de terra e pedras. Contudo, também assentava primitivamente sem dúvida no bloco *n* do corredor, ficando então, portanto, um pouco mais elevada desse lado do que actualmente se encontra. Deve ter resvalado deste bloco quando se deu a queda da pedra de cobertura 3.

O *corredor* (Est. IV, 4 e 5) ainda hoje se encontra coberto por duas lajes relativamente pouco espessas. Destas, a mais próxima da câmara (4) assenta, do lado sul, apenas no bloco *t* do corredor. A sua aresta de noroeste está partida. Como o corredor, ao contrário do restante da construção, se encontrava cheio de terra duríssima a partir de aí, é lícito supor que os saqueantes tivessem penetrado por essa fenda. A pedra 5 de cobertura do corredor jaz apenas sobre o preenchimento de terra e a sua posição primitiva é duvidosa. Para tornar possível uma escavação no corredor,

reforçámos a posição de ambas as pedras de cobertura com pequenos blocos.

Nas pedras de xisto, existentes por fora deste troço coberto do corredor, o próprio material, em si mais ligeiro, mostra bem que eram consideradas de menor importância para a construção. Ao passo que o interior coberto do corredor, em virtude da altura cada vez menor dos primeiros blocos laterais, descaí ligeiramente para o lado da saída cerca de 0,30 m., os seguintes blocos exteriores de xisto erguem-se a mais uns 0,30 ou 0,40 m., porquanto o nível do solo sobe também. Uma pequena placa, assente num socalco junto da pedra *s*, poderia ter servido de degrau. Neste sector do corredor, tratava-se sem dúvida de uma rampa descoberta de acesso (Ests. I, 2; II, 2) ⁽⁶⁾.

A pedra *q*, assente de través e firmada ao solo por uma pequena cunha de pedra, faz realçar a entrada do corredor. Atinge-se com ela o nível do planalto que encima a colina. Não é lícito admitir, portanto, que o corredor tivesse primitivamente sido mais comprido. A pedra *v*, que jaz hoje na rampa, teria sido sem dúvida a pedra da porta do lado norte.

A construção tumular insere-se numa colina artificial que constitui um círculo perfeito com o pilar por centro (Est. V). Hoje só se conservam escassos restos dessa colina, com uma altura média de 0,80 m. Já nos referimos às diferenças de nível provocadas pelo declive do terreno. Alguns dos blocos da primitiva coroa de pedras, que rodeava a colina tumular, ainda hoje se encontram *in situ*, relativamente pouco cravados no solo; alguns outros jazem na orla da colina, já completamente arrancados.

Escavação: No verão de 1945, fomos autorizados pela Junta Nacional da Educação a fazer a escavação da Anta das Cabeças de colaboração com o Museu Etnológico do Dr. Leite de Vasconcellos. Os trabalhos começaram em fins de Outubro do mesmo ano. A escavação foi difícil e levou algumas semanas, porquanto, como dissemos, uma das pedras de cober-

⁽⁶⁾ Quanto aos tipos de acesso às sepulturas megalíticas do Sul da Península, vide: Leisner, ob. cit. «Die Megalithgräber...», pág. 376. Cf. ainda o átrio de acesso, descoberto, do monumento 4 de Alcalá, id., pág. 239 e Est. 80, e Estácio da Veiga, «Antiguidades Monumentais do Algarve», vol. 3, 1889, págs. 183 - 226.

tura havia caído para o interior da câmara e, por outro lado, houve que estabelecer extensos apoios para a pedra de cabeceira e para o esteio *d*, tanto antes da escavação como durante ela ⁽⁷⁾.

Encetámos a escavação em dois pontos da sepultura: na fenda da parede meridional da câmara e na entrada para esta. Ao retirarmos o preenchimento da parte ocidental da câmara, o que fizemos por camadas de 15 cm., em breve reconhecemos que já tinha sido completamente revolvido. Até à superfície do esteio derrubado, que jaz hoje em parte abaixo do primitivo solo da câmara, esse preenchimento compunha-se apenas de terra solta à mistura de grandes calhaus e grossos cacos avermelhados. Da época da construção só encontramos neste troço: um fragmento de machado de pedra, uma placa de mármore trabalhado, uma ponta de seta de quartzo, um fragmento dum pequeno instrumento de quartzo hialino, um grande fragmento da parede de um vaso com uma reintrância plana, e, por fim, alguns fragmentos de vasos de fundo plano, negros e polidos, estes últimos já talvez provenientes de épocas mais modernas (Est. VI, 1, 4, 5, 7 e 8) ⁽⁸⁾.

Na parte oriental da câmara, a escavação não pôde ser completa, visto que, para apoio da pedra de cobertura derrubada, houve que deixar ficar um bloco de terra. Até à profundidade de 0,60 a 0,70 m. a partir do nível superior do actual solo da câmara, o preenchimento era idêntico ao do troço ocidental. Seguiu-se depois uma camada mais dura, até 0,80 ou 0,85 m. abaixo do nível superior. Com excepção dos já mencionados e de alguns a mencionar ainda em especial, quase todos os objectos inventariados do primitivo espólio, sobretudo as contas, encontravam-se nesta camada. Os objectos iam aparecendo isolados, sem que entre eles se pudesse estabelecer qualquer relação, aliás em maior número para o meio da câmara do que junto dos esteios. Deu-nos isto a impressão de que se não tratasse dos primitivos locais dos depósitos, mas antes que, aquando da primeira pilhagem da sepultura, se tivessem perdido pequenos objectos

⁽⁷⁾ A pedra de cabeceira e o esteio *d* foram por nós apoiados a fortes barrotes, colocados obliquamente. Terminada a escavação, mandámos construir transversalmente de encontro ao esteio *d* um anteparo de grandes blocos e cimento (Est. IV, 1).

⁽⁸⁾ Para indicação exacta dos locais onde se encontravam os objectos e das reproduções gráficas dos mesmos, cf. a descrição do espólio.

no espaço livre entre o pilar e a entrada e que, em pilhagens subsequentes, essa camada não tivesse voltado a ser revolvida.

Ainda em vários pontos desta camada, sobretudo na base oriental do pilar, a 8 cm. deste e a 80 cm. abaixo do nível superior, encontrámos terra argilosa atacada pelo fogo, que se apresentava aí em torrões de dimensões consideráveis (de cerca de 1 a 4 cm³.) e que parecem indicar a existência neste ponto de uma primitiva camada uniforme de terra queimada. Encontrámos ainda idênticos torrões queimados, embora de menores dimensões, junto do local onde jazia a grande conta de serpentina, a 60 cm. do meio do pilar para a entrada, entre o pilar e o esteio *d*, e junto do esteio *g*, também ao primitivo nível do solo. Do confronto com os dados fornecidos pela sepultura de Vale de Rodrigo (⁹), onde se encontraram vestígios de fogo e cerâmica anexa em idêntico local, ou seja, junto da face dum bloco central voltada para a entrada, talvez seja lícito inferir que também se tivessem praticado ritos de fogo junto do pilar na Anta das Cabeças.

Encontrámos ainda pequenos fragmentos de carvão vegetal na mesma camada da parte oriental da câmara e ao centro da parte ocidental da mesma, neste caso a uma profundidade de 30 a 60 cm., os quais, porém, talvez remontem a épocas mais modernas.

À entrada da câmara havia igualmente terra solta até ao nível do solo, na qual se encontraram a ponta de seta n.º 7, uma pequena conta em disco e o grande disco trabalhado de quartzo, assim como fragmentos de cerâmica dolménica grosseira e não polida de mistura com outros de cerâmica romana e moderna.

Nada se encontrou na terra dura do corredor, que levou, aliás, vários dias a picar.

Espólio:

Cerâmica (Est. VI):

Em todas as camadas apareceram fragmentos de cerâmica de várias

(⁹) Georg Leisner, «O Dólmen de Falsa Cúpula de Vale-de-Rodrigo, in «Biblos», vol. XX, Coimbra, 1944.

épocas, quase todos demasiadamente pequenos para que se pudesse reconstruir a forma do vaso primitivo, mas muito significativos para a história da pilhagem da sepultura. Neste sentido, devem salientar-se, sobretudo os fragmentos romanos vermelho claros e finamente polidos (terra sigillata), encontrados em vários pontos : na parte ocidental da câmara — na camada superior e a 60 cm. de profundidade; na parte oriental (lado sul), a 30 cm. de profundidade; e ainda sob a pedra de encerramento da câmara. É de crer que os habitantes do castro romano dos Malvosinhos, distante 5 km. da sepultura, tivessem sido os primeiros a abri-la. Os fragmentos de cerâmica romana foram possivelmente trazidos de novo para camadas superiores numa pilhagem subsequente. Junto do pilar, encontraram-se ao nível do solo fragmentos duma cerâmica negra muito fina, apenas com 2 mm. de espessura, exteriormente com restos duma cobertura branca e, interior e exteriormente, com vestígios parciais de polimento, os quais se devem atribuir quando muito à época arábica ou medieval e parecem indicar que se tivesse dado então ou depois uma segunda pilhagem. À distância de 30 cm. do esteio e, foram encontrados a 50 cm. de profundidade muitos fragmentos duma ânfora grande, negra acastanhada e não polida, com o bordo saliente, uma asa e alguns mamilos estreliformes no bojo, já de atribuir por certo a uma época mais moderna. Sobre estes fragmentos assentava uma placa naturalmente côncava na face interior. Encontraram-se muitos fragmentos de vasos actuais ou pouco antigos sobretudo nas camadas superiores, aí até 60 cm. de profundidade.

Em vista dos vários revolvimentos da sepultura, não admira que apenas se tenham conservado pequenos fragmentos da cerâmica dolménica, dos quais só do material, e não da forma, se podem tirar conclusões, porquanto de todo faltam fragmentos de rebordos. São sobretudo dignos de menção os :

N.º 5 : dois fragmentos parietais ajustáveis, ligeiramente curvos, certamente de um vaso de tamanho considerável (uns 20 cm. de diâmetro), de 6 a 7 mm. de espessura, superfície polida cor de cabedal, secção quase negra com pedrinhas incrustadas. No barro, enquanto húmido, foi feita uma reintrância plana de 2 a 3 cm. Posição : a meio da parte ocidental da câmara, 3.ª camada (45-60 cm. de profundidade). No mesmo ponto, outro fragmento mais pequeno, por certo do mesmo vaso.

Esta decoração, que dificilmente poderá ter servido para fins práticos,

faz lembrar um vaso da Anta da Velada ⁽¹⁰⁾, sobre cujas paredes se encontram dois sulcos verticais — representação esta que se deve relacionar com os pares de covinhas que se encontram nalgumas placas de xisto e de pedra lioz das culturas eneolíticas ⁽¹¹⁾ e que devem constituir uma variante do mesmo símbolo que se encontra em vasos de sepulturas megalíticas, sobretudo em relevo ⁽¹²⁾. Encontraram-se ainda outros fragmentos de material e polimento idênticos — cerâmica, aliás, típica das sepulturas do Alentejo — junto da pedra de cabeceira na terceira camada; na parte oriental da câmara ao nível do solo; junto da face oriental do pilar; e, ao nível do solo, entre o pilar e o esteio *h*. Igualmente conforme com a cerâmica dolménica se encontra ainda um outro pequeno fragmento coberto de vermelho e polido.

Menos vulgares nas sepulturas de corredor desta região são dois pequenos fragmentos finamente polidos, com manchas negras e vermelhas e, a julgar pela espessura (8 a 9 mm.), sem dúvida de um vaso de tamanho considerável. Posição: na parte oriental da câmara, ao nível do solo, junto do pilar. Semelhante a este, um outro pequeno fragmento negro e polido, de 8 mm. de espessura, proveniente de um vaso de uns 17 cm. de diâmetro, com algumas incisões (N.º 6). Posição: à entrada da câmara.

Tal como em muitas outras sepulturas de corredor, a par de cerâmica polida aparecem igualmente fragmentos de cerâmica sem polimento: um pequeno fragmento de rebordo, de superfície áspera, ligeiramente avermelhado tanto interior como exteriormente, e de secção negra. Posição: sob a pedra de encerramento da câmara. Junto da pedra de cabeceira, encontrou-se ainda um outro fragmento semelhante, na camada superior.

Instrumentos de pedra polida (Ests. VI, VIII e XII):

Ests. VI, N.º 1; XII, N.º 4: Fragmento de um machado de xisto anfibólico em cerca de metade da parte inferior. Secção transversal oval.

⁽¹⁰⁾ Museu Etnológico do Dr. Leite de Vasconcellos. Belém - Lisboa. N.º 7662.

⁽¹¹⁾ Anta do Cabeço do Considreiro: (Museu Etnológico, N.º 12229) e região de Montargil (id., N.º 13.020); Cabeço da Arruda (Museu de Torres Vedras); Cabeço da Ministra (Colecção de Vieira Natividade, Alcobaça); Gruta da Furninha, Peniche (Museu dos Serviços Geológicos, Lisboa).

⁽¹²⁾ Leisner, ob. cit., «O Dólmen de Falsa Cúpula...», págs. 47 e 48, Est. VIII.

Gume ligeiramente curvo. Bem polido. A julgar pela curvatura deve ter pertencido a um machado ponteagudo de uns 15 cm. de comprimento e 5 a 6 cm. de largura. Posição : na terra solta junto da pedra de cabeceira, a cerca de 40 cm. de profundidade.

Na orla da colina tumular, foram encontrados há alguns anos, ao lavrar, dois machados longos, os quais, todavia, só se podem incluir no inventário sob certas reservas :

Ests. VIII, N.º 1; XII, N.º 2 : Machado cónico alongado de xisto anfibólico. Secção transversal oval. Gume semilunar simétrico, parte oposta ponteaguda. Conformação e trabalho perfeitamente regulares; polimento no gume e na parte contígua. Posição : cerca de 20 m. a norte da sepultura. Proprietário : J. Plancha, Monte das Cabeças.

Ests. VIII, N.º 2; XII, N.º 3 : Machado idêntico ao N.º 1 quanto ao material e às dimensões. Contudo, de conformação e trabalho um pouco menos regulares. Gume assimétrico, parte oposta arredondada. Polimento completo no quarto inferior. Na parte superior, com as faces menores aliçadas longitudinalmente uns 6 cm., talvez devido ao engaste. Posição : cerca de 20 m. a ocidente da sepultura. Proprietário : um trabalhador do Monte das Cabeças.

Os machados de secção transversal redonda ou ovalada são muito mais raros nos dólmenes eneolíticos portugueses de corredor do que os machados de secção rectangular. Machados destas dimensões e de conformação tão perfeita como a do N.º 1 (que faz lembrar certas peças da cultura dolménica bretã) são raros no Alentejo e não eram até agora nossos conhecidos em sepulturas megalíticas. Recentemente foi-nos oferecido um machado de formato e dimensões idênticas pelo Ex.^{mo} Sr. Horácio Costa Cerqueira, que este encontrou, aquando duma visita à Anta Grande da Herdade da Ordem (Aviz) na companhia do Dr. Leite de Vasconcellos, na parte exterior da câmara, encravado entre dois esteios. Entregámo-lo ao Museu Etnológico. Embora mais pequenas, podem ainda servir de termo de comparação algumas peças da região de Montargil ⁽¹³⁾ e um machado da Anta de Benavila ⁽¹⁴⁾.

⁽¹³⁾ Anta 6 dos Cavaleiros e Anta 2 de Zambujeiro (Museu Etnológico, N.ºs 12813, 12816, 12814 e 12927).

⁽¹⁴⁾ Museu Etnológico, N.º 12852. A Anta de Benavila, que visitámos em

Est. VI, N.º 2 : Fragmento de um seixo acastanhado, aplanado numa face, provávelmente duma pedra de afiar. Posição : entre o pilar e a pedra c, a 50 cm. de profundidade.

Objectos líticos referentes ao culto (Ests. VI e XII) :

Ests. VI, N.º 4; XII, N.º 5 : Fragmento duma placa achatada e trapezoidal de mármore branco com veios azuis. Em todos os seus lados se conservam restos das arestas primitivas. Os dois lados divergentes e o lado menor do trapézio, ligeiramente arredondados; o lado maior, chanfrado em bisel. Dois pequenos fragmentos de rebordo, ajustáveis e chanfrados igualmente de um dos lados, completam o canto quebrado que faltava. A espessura do objecto vai, do lado chanfrado para o oposto, de 1,7 a 1,2 cm. Posição : parte ocidental da câmara, na camada inferior, junto do canto meridional da pedra de cabeceira entre esta e a próxima pedra da cunha.

A aresta chanfrada parece indicar que se tratasse dum objecto votivo, relacionado com o culto do machado ⁽¹⁵⁾. O material da placa provém sem dúvida do próprio Alentejo, onde o local mais próximo, em que aparece, fica a 8 km. a sudoeste de Azaruja, ou seja, só a 4 km. de distância do Monte das Cabeças. O mármore de Estremoz não é tão semelhante a este, que se encontra também no Alentejo meridional, junto de Alvito ⁽¹⁶⁾. Nas culturas megalíticas alentejanas, quase não surgem objectos de mármore ou de calcário; os objectos votivos plásticos de calcáreo pertencem à cultura eneolítica costeira da Estremadura.

Est. XII, N.º 1 : uma grande placa de xisto; comprimento 20 cm. Posição : parte nordeste da câmara, frente ao esteio d, a 45 cm. de distância do pilar e a 80 cm. de profundidade. A placa foi encontrada partida

Abril de 1946, é um grande dólmen de corredor, já muito arruinado, com uma câmara ligeiramente trapezoidal.

⁽¹⁵⁾ Cf. idênticos chanfros em bisel nos ídolos chatos do Sudeste, Leisner, ob. cit., «Die Megalithgräber...», pág. 412, Ests. 146 e 147.

⁽¹⁶⁾ Comunicações da Comissão do Serviço Geológico de Portugal, Tomo IV, Lisboa 1904-07. II. J. F. Nery Delgado, «Contribuições para o Estudo dos Terrenos Paleozóicos», pág. 86.

em duas metades, isso devido certamente ao peso da pedra *d*. Tem um furo de suspensão aberto em cone. É gravada de um dos lados: na parte superior, um triângulo com 9 listas oblíquas de cada lado; na parte inferior, demarcação de 6 zonas, preenchidas com fileiras de dentes de lobo, umas com eles voltados para cima, outras, para baixo, surgindo assim ora listas em ziguezague, ora em rombos e ampulhetas.

Se bem que esta placa, pelo seu carácter geral, pertença ao tipo corrente das placas ornadas com fileiras de dentes de lobo, a posição alterna destas fileiras é relativamente rara. Pode, contudo, comparar-se a algumas placas das sepulturas de Vale de Rodrigo ⁽¹⁷⁾, da Anta de Brissos, da Anta da Comenda da Igreja ⁽¹⁸⁾ e da Anta do Cabeço ⁽¹⁹⁾; quanto à conformação da parte superior, compare-se por sua vez a uma placa da Anta dos Galvões (Alandroal) ⁽²⁰⁾.

Sílex e Quartzo (Ests. VI, VII e XII):

Entre os maiores objectos encontrados na sepultura contam-se ainda duas peças de quartzo:

Ests. VI, N.º 3; XII, N.º 6: Esfera de quartzo, bastante regular, ligeiramente aplanada de um lado. Tem 6 a 7 cm. de diâmetro.

Nas sepulturas eneolíticas portuguesas, as pedras em forma de esfera são bastante frequentes. As esferas de calcário e mármore perfeitamente arredondadas pertencem, como em geral a arte plástica em calcário, às culturas costeiras de sepulturas de cúpula e às grutas naturais e artificiais eneolíticas ⁽²¹⁾. Mas nas sepulturas megalíticas alentejanas ⁽²²⁾, pelo contrário, as pedras em forma de esfera, embora vulgares, são geralmente de quartzo e menos regularmente trabalhadas, semelhantes às que não

⁽¹⁷⁾ Leisner, ob. cit. «O Dólmen de Falsa Cúpula...», Est. VI, N.º 8.

⁽¹⁸⁾ Museu Etnológico, N.ºs 12563 e 7546.

⁽¹⁹⁾ Museu Geológico, sem número.

⁽²⁰⁾ Museu Etnológico, N.º 7794.

⁽²¹⁾ S. Martinho, Museu Etnológico, N.ºs 10716 A e B; Casa da Moura, Dólmen de Niza, Museu Geológico; Cova da Moura, Museu Torres Vedras.

⁽²²⁾ Entre outras, na Anta Grande da Comenda da Igreja, na Anta de Oliveira e na Anta Grande de Entreáguas, Pavia.

raro se encontram nos campos no seu estado natural. É impossível determinar com precisão se estas esferas líticas serviriam para fins práticos ou se, pelo menos algumas delas teriam sido objectos votivos, como as mais perfeitas nos levam a supor. Em Vila Nova de São Pedro ⁽²³⁾ encontrou-se uma esfera semelhante num almofariz de pedra.

Est. VI, N.º 9 : Disco de quartzo, quase regularmente circular, com 11 cm. de diâmetro máximo e 3,5 cm. de espessura. Tem as faces superior e inferior perfeitamente planas e alisadas. Retoque marginal, ligeiramente oblíquo em relação à base, com a primitiva superfície parcialmente conservada. Posição : à entrada da câmara.

Nas sepulturas megalíticas de Portugal encontram-se todas as formas de transição entre a esfera e o disco, passando por objectos uns ainda espessos, outros quase amorfos, sobretudo de quartzo ou pedra lioz, e, na Beira, de granito. O disco da Anta das Cabeças, que se ajusta perfeitamente à mão e que deve ter sido utilizado na moagem por fricção, supera, todavia, a maior parte dos restantes, que se conhecem, pela perfeição com que está trabalhado ⁽²⁴⁾. Esta técnica de retoque oblíquo das arestas, que ainda se conserva nos micrólitos, faz lembrar estádios culturais mais antigos.

Facas e fragmentos de facas (Est. VII) :

N.º 12 : faca ligeiramente curva de sílex castanho acinzentado, de secção trapezoidal, com as duas arestas e a base retocadas na face superior e a ponta quebrada. Na face inferior, ambas as arestas retocadas até um terço do comprimento a partir da ponta e, a partir da base, só uma delas retocada, até também um terço do comprimento total. Posição : no meio da parte oriental da câmara, a 1,30 do pilar em direcção à entrada, ao nível do solo.

N.º 9 : fragmento da base de uma faca de sílex castanho muito escuro, com as arestas retocadas grosseiramente em toda a volta. Posição : parte oriental da câmara, entre o pilar e o esteio *h*, ao nível do solo (Est. XII, N.º 10).

⁽²³⁾ Colecção H. da Costa Cabaço, Alenquer.

⁽²⁴⁾ Cf. Anta do Arneirão, Crato, Museu Etnológico, N.º 13302.

N.º 8 : fragmento da base de uma faca de sílex vermelho escuro, com retoques oblíquos na base e no entalhe. Posição : parte oriental da câmara, lado sul, a 60 cm. de profundidade.

N.º 13 : lasca de quartzo hialino fumado, de secção triangular (duma faca?). Posição : junto da pedra de cabeceira, a cerca de 70 cm. de profundidade.

N.º 11 : fragmento de sílex cinzento amarelado, sem dúvida da base de uma faca. Posição : parte oriental da câmara, entre o pilar e o esteio c, ao nível do solo (Est. XII, N.º 12).

Em todas as camadas se encontraram, além disso, pedaços e lascas, uns maiores, outros mais pequenos, de quartzo opaco e de quartzo hialino, dos quais desejamos salientar, como tendo talvez pertencido a instrumentos :

N.º 14 : um pedaço de quartzo, pequeno e, a julgar pela forma, afim dos micrólitos trapezoidais.

N.º 10 : um pequeno pedaço plano de quartzo hialino. Posição de ambos (N.ºs 14 e 10) : parte oriental da câmara, ao nível do solo; o N.º 14 junto do pilar.

Pontas de seta e micrólitos trapezoidais (Est. VII) :

Encontraram-se 5 pontas de seta e 2 micrólitos trapezoidais. Todas as pontas retocadas são pequenas. Em vista do seu escasso número e do facto de serem justamente as pontas mais pequenas as que mais facilmente passam despercebidas na pilhagem, é difícil dizer se este seu conjunto corresponderá ou não ao primitivo. Por outro lado, a verdade é que corresponde perfeitamente ao da indústria do sílex da maior parte dos dólmenes alentejanos com corredor.

N.º 1; Est. XII, N.º 8 : micrólito trapezoidal de sílex castanho, com retoque marginal no bordo superior esquerdo e na base côncava. Posição : parte oriental da câmara, junto do pilar, na última camada.

Esta forma aparece em várias das maiores sepulturas de corredor do Alentejo (Anta Grande da Comenda da Igreja, Anta Grande da Ordem, Anta da Velada), assim como na Beira (Anta do Rio Torto, Anta de Medelim, Cabeço dos Moinhos, Anta de Forles, Anta do Tanque) e em grutas naturais e artificiais já francamente da época do cobre. Por conseguinte, reporta-se em Portugal ao auge da época do cobre, embora já surja

também no sudeste em sepulturas redondas da segunda fase, contemporâneas das primitivas sepulturas de corredor e câmara poligonal do Alentejo ⁽²⁵⁾.

N.º 2; Est. XII, N.º 9 : micrólito trapezoidal de sílex cor de âmbar claro, com a ponta quebrada, retocada na base do trapézio, no bordo esquerdo e na base triangular : nos dois primeiros casos, o retoque é marginal, no último facial. Posição : parte oriental da câmara, lado sul, ao nível do solo. Tanto esta forma como este tipo de retoque são raros. Não conhecemos mesmo outras pontas comparáveis ⁽²⁶⁾.

A maioria das pontas retocadas pertence ao tipo de base triangular.

N.º 3; Est. XII, N.º 15 : cor de âmbar, transparente, foliforme, retoque parcial em ambos os lados, ligeiramente arqueada na secção longitudinal, trabalhada sobre um bocado de faca. Posição : parte oriental da câmara, na última camada.

N.º 4 : de quartzo, trabalhada dos dois lados, com uma pequena farpa numa das arestas. Posição : parte ocidental da câmara, junto da pedra de cabeceira, a cerca de 40 cm. de profundidade.

N.º 5; Est. XII, N.º 13 : de sílex cinzento escuro, foliforme, com os dois lados bombeados e completamente retocados, e com uma pequena farpa numa das arestas.

As pequenas pontas de seta deste último grupo são vulgares nos dólmenes alentejanos com corredor. A partir das escavações cujos resultados já se conhecem ainda não é possível fixar uma época em que elas aí se encontrassem exclusivamente. São poucas as sepulturas conhecidas na cultura alentejana nas quais a ponta pediculada é a forma única ou muito preponderante ⁽²⁷⁾, e encontram-se todas na zona fronteira entre Portugal e a Espanha.

⁽²⁵⁾ Leisner, ob. cit., «Die Megalithgräber...», pág. 409, Est. 163, 5.ª coluna.

⁽²⁶⁾ Leisner, ob. cit., «Die Megalithgräber...», Est. 45, sepult. 4, N.ºs 2-4. Encontram-se micrólitos com retoque simultaneamente marginal e facial, como sucede neste, numa sepultura megalítica do Sudeste de facies relativamente primitivo.

⁽²⁷⁾ Anta de Palamar, Cáceres (Coleção Cerralbo, Madrid; Anta I da Alcapinha, Vila Fernando (Coleção A. L. Agostinho, Coimbra); Anta da Torre das Arcas (J. da Silva, Dólmenes recentemente descobertos em Portugal, in Boletim de Architectura e de Archeologia da Real Associação dos Architectos e Archeólogos Portuguezes. Lisboa, Tomo 3. 2.ª série).

Embora as relações, em que os objectos contidos nos inventários das sepulturas megalíticas alentejanas se encontrem entre si, não estejam ainda suficientemente esclarecidas, não parece inadmissível que, tal como o ídolo chato pertencera no sudeste à cultura das pontas pediculadas, a placa de xisto e a ponta pediculada possam também ter estado, no ocidente da Península, em idênticas relações — o que é tanto mais de admitir quanto é certo que as grutas eneolíticas naturais ⁽²⁸⁾ onde se encontraram placas de xisto, apresentavam também em exclusivo ou em muito maior número essas pontas de seta pediculadas, que também predominam nas mais antigas grutas artificiais ⁽²⁹⁾.

Pontas de base recta ou côncava :

N.º 6; Est. XII, N.º 11 : de sílex castanho escuro, base recta, face superior bombeada, face inferior parcialmente retocada. Posição : na parte oriental da câmara, lado sul, na última camada. As pequenas pontas deste tipo são as primeiras das formas com base recta ou côncava que aparecem no sudeste na cultura das sepulturas redondas. No Alentejo, encontram-se na maioria das sepulturas com corredor, e, além disso, são ainda vulgares nas sepulturas de Córdova ⁽³⁰⁾.

N.º 7; Est. XII, N.º 14 : de sílex castanho claro, finamente trabalhada, completamente retocada dos dois lados, com a base talhada em ângulo. Posição : sob a pedra de encerramento da câmara. Esta forma já se deve atribuir à última fase da época do cobre. Aparecem pontas semelhantes na Anta da Comenda da Igreja, na Orca do Tanque, na Anta do Monte Abraão e nas grutas de Palmela. É já afim de algumas pontas de seta semelhantes de sepulturas algarvias, estas, porém, mais profundamente talhadas.

⁽²⁸⁾ Cova da Moura, Cabeço da Arruda, Museu de Torres Vedras; Gruta da Galinha, Museu Etnológico.

⁽²⁹⁾ Gruta 2 de Alapraia, Museu de Cascais.

⁽³⁰⁾ G. Leisner, «Probleme der Oestlichen Ausbreitung der Portugiesischen Megalithkultur. In «Ethnos», Revista do Instituto Português de Arqueologia, História e Etnografia, tomo II, Lisboa 1942, Leisner, ob. cit., «Die Megalithgräber...», Est. 54.

Contas (Est. VII) :

Foram 43 as contas encontradas, sobretudo pequenos discos de material da região. Só as 6 seguintes são maiores :

N.º 16 : grande conta ovalada de serpentina verde, partida, com furo bicónico. Posição : a meio da parte oriental da câmara, 60 cm. distante do pilar, ao nível do solo (Est. XII, N.º 7).

N.º 17 : conta em disco, bastante grande, de alabastro amarelado, mais larga de um dos lados, muito bem trabalhada e finamente polida, furada irregularmente em duplo cone. Posição : parte oriental da câmara, lado norte, diante do esteio *d*, na última camada.

N.º 18 : conta cor de marfim, muito bem trabalhada e finamente polida, furo quase cilíndrico, material certamente igual à da N.º 19. Posição : parte oriental da câmara, entre o pilar e a pedra *d*.

N.º 19 : conta cor de marfim, bombeada de um dos lados, finamente trabalhada e polida, furo cónico, profundamente escavada de um dos lados. De dente canino, cuja espécie é impossível determinar. Posição : como a N.º 17 ⁽³¹⁾.

N.º 20 : conta de xisto cinzento esverdeado, perfurada em duplo cone. Posição : parte oriental da câmara, lado sul, na última camada.

N.º 21 : conta em disco de xisto verde claro acinzentado, perfurada em duplo cone. Posição : parte oriental da câmara, lado sul, na última camada (N.ºs 17-21 ; Est. XII, N.ºs 16-20).

Algumas das contas são um pouco achatadas de um dos lados e, também nalgumas, a aresta do orifício encontra-se ligeiramente desgastada pelo fio de suspensão (N.ºs 16, 18 e 19).

Os discos mais pequenos (N.ºs 15 e 22-33 ; Est. XII, N.ºs 21-28) são todos de pedra xistosa de várias cores e espécies. Nas contas mais espessas, assim como nalgumas das mais finas reconhece-se bem que o furo era bicónico, formando às vezes as duas perfurações do duplo cone um pequeno canal oblíquo. Nos discos mais finos, a perfuração é geralmente deste tipo ou então simplesmente cónica (N.ºs 29-33).

⁽³¹⁾ Cf. as contas de calaíte de Los Millares 9: Leisner, ob. cit., «Die Megalithgräber...», Est. 13, Sep. 1, N.ºs 40 e 41.

Destes discos, 12 têm 7 a 8 mm. de diâmetro. Na maioria são de xisto azul claro acinzentado (N.ºs 22, 24 e 25), mas um é azul muito escuro (N.º 23) e outro é verde claro.

Dos discos de tamanho médio (5-6 mm. de diâmetro e 1-2 mm. de espessura), só dois são de xisto cinzento claro, pois que a maioria é esverdeada: azul esverdeado o N.º 27, verde claro o N.º 15 e verde acastanhado o N.º 28, todos três também de xisto.

Os discos mais pequenos (4-5 mm. de diâmetro e 1-1,5 mm. de espessura) são também na maioria de xisto verde claro (N.º 31) ou azul esverdeado (N.ºs 32 e 33). Os N.ºs 29 e 30 são de pedra cinzenta clara.

Salvo a N.º 31, que foi encontrada sob a pedra de encerramento da câmara, junto com a ponta de seta N.º 7, todas as outras contas em disco provêm da última camada, exceptuando ainda quatro, que jaziam em camadas mais elevadas do lado oriental do pilar.

Mó dormente, de granito:

Entre as pedras removidas aquando da primeira desobstrução do corredor encontrou-se um bloco de granito, de base áspera, e ligeiramente desgastado em cima por forma a ficar côncavo, respectivamente com 44 e 28 cm. de diâmetro e 18 cm. de altura (Fig. 1). Nas sepulturas megalíticas eneolíticas, é frequente encontrarem-se pedras de mó como esta ⁽³²⁾.

Conclusões:

Como já frisámos, as sepulturas megalíticas não só da Península Ibérica como de todo o âmbito europeu quase não fornecem exemplos de um tipo arquitectónico comparável ao da Anta das Cabeças. Salvo os pilares da Cueva de Menga, só saberíamos citar algumas lajes de apoio isoladas de galerias do sudoeste, as quais, contudo, por forma alguma dominam o aspecto da construção no seu conjunto como sucede nas sepulturas de Menga e do Monte das Cabeças.

A sepultura 63 da necrópole de Los Millares ⁽³³⁾ apresenta um pilar ao centro da câmara trapezoidal. Neste caso, porém, só há indicações segu-

⁽³²⁾ J. Leite de Vasconcellos: «Mós de carácter primitivo». O *«Arqueólogo Português»*, vol. XXVIII, 1925-26, pág. 55.

⁽³³⁾ Leisner, ob. cit., «Die Megalithgräber», pág. 51, Est. 24.

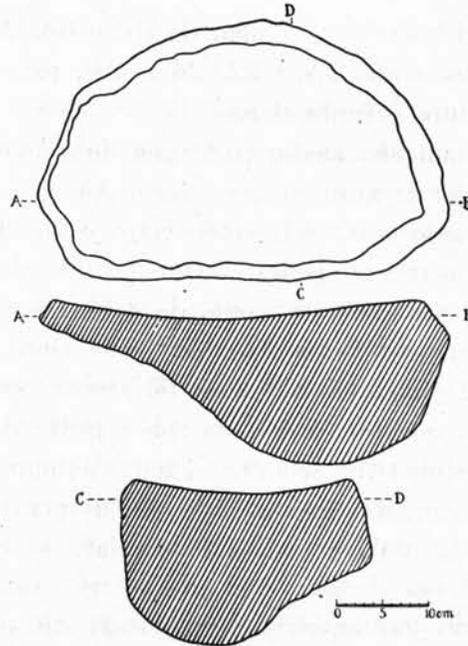


Fig. 1 — MÓ DORMENTE, DE GRANITO

ras acerca da planta e, a julgar pelas escassas referências ao alçado, tratava-se de um soco mural cuja altura era acrescida por alvenaria. Este tipo arquitectónico aproxima-se, portanto, da arquitectura do sudeste, e afasta-se, pelo contrário, das construções megalíticas portuguesas.

No ano de 1880, J. Possidónio da Silva publicou uma descrição e um desenho da Anta das Tesouras, dos quais se poderia inferir que esta sepultura tivesse sido idêntica à da Anta das Cabeças⁽³⁴⁾. J. Possidónio da Silva fala de três pedras de cobertura e de um pilar de secção pentagonal mas, como verificámos no ano de 1945, esta descrição é inexacta. Trata-se de uma sepultura que fica a meio caminho entre as herdades das Tesouras e da Colmieira, já nos terrenos desta última, e que ainda hoje se encontra no estado em que J. Possidónio da Silva a examinou. Compõe-se de uma câmara poligonal e dum corredor, cobertos ainda hoje por duas

⁽³⁴⁾ Boletim de Architectura e Archeologia da Real Associação dos Architectos e Archeologos Portugueses, tomo II, 2.^a série, pág. 90; J. da Silva, «Novos Monumentos Megalíticos em Portugal», Est. 26. Vide também: A. Filipe Simões, «Introdução à Archeologia», págs. 161-2, e Gabriel Pereira, «Notas de Archeologia», Évora 1879.

grandes lajes, jazendo a terceira ao lado do corredor sobre a colina tumular. O bloco trabalhado, irregularmente prismático, que J. Possidónio da Silva considerou um pilar derrubado, jaz ainda *in situ* e não passa da soleira superior da entrada da câmara, já sob a primeira pedra de cobertura do corredor.

A extraordinária singularidade do tipo architectónico da Anta das Cabeças vem demonstrar que ela se encontra fora da linha normal de evolução, já bem determinada, das construções da sua região. Ora em várias regiões do Alentejo surgem pequenas câmaras semelhantes a galerias, as quais, nos casos até hoje explorados, continham um inventário primitivo de aspecto neolítico. É a partir destas câmaras que a principal corrente evolutiva segue desde cedo para a construção de câmaras poligonais arredondadas, as quais predominam quase em absoluto no auge da época do cobre. Apesar de algumas regiões do Alentejo já terem sido completamente exploradas, o número das câmaras longas é ainda muito pequeno. Na região de Évora, encontraram-se várias sepulturas em que essa tendência se manifesta; e, no Alentejo, deve citar-se ainda a Anta de Benavila. Da região costeira, devem incluir-se como tais a Anta da Capela ⁽³⁵⁾ e a Anta da Arruda, a última hoje completamente destruída, da qual se encontra, porém, uma velha planta no Museu Etnológico. Em território português, todavia ainda se não documentou uma linha evolutiva que fosse das primitivas construções alongadas até às câmaras trapezoidais e às galerias da época do cobre. Resta ainda investigar, portanto, se o tipo de sepultura em forma de galeria se terá conservado a oeste independente da câmara redonda, tal como no sudeste, onde se encontram simultâneamente tendências poligonais e câmaras rectangulares, como já frisámos noutro trabalho ⁽³⁶⁾.

Ao passo que as sepulturas acima mencionadas podem ser consideradas, quanto à forma da câmara, variantes do tipo poligonal, e ao passo também que, na maioria delas, o longo corredor se quadra perfeitamente

⁽³⁵⁾ A. dos Santos Rocha, «Antiguidades Pré-históricas do Concelho da Figueira», Coimbra 1888, pág. 185, Est. 21. Fig. 298.

⁽³⁶⁾ G. Leisner, «A Cultura Eneolítica do Sul da Espanha e as suas Relações com Portugal». Arqueologia e História, Publicações da Associação dos Arqueólogos Portugueses, vol. I, Lisboa, 1944, pág. 23.

com a arquitectura ocidental, a planta da Anta das Cabeças — uma longa câmara trapezoidal e um corredor curto — afasta-se muito da evolução local. Todavia, essa planta constitui um tipo claramente desenvolvido no sudoeste e que aí representa uma forma bastante frequente ⁽³⁷⁾.

Apesar de tudo, a possibilidade dum confronto da Anta das Cabeças com a arquitectura do sudeste limita-se à planta, porquanto as colunas e os pilares de apoio só aparecem nesta última região, salvo um único caso, nas sepulturas de cúpula. A respectiva explicação deve assentar nas razões seguintes :

Nas sepulturas de cúpula do sudeste, a coluna tinha por função sustentar a meio a cobertura composta de pequenas placas acamadas, evitando assim que estas ruíssem para o centro ⁽³⁸⁾.

Visto terem de suportar uma forte pressão vinda regularmente de todos os lados, essas colunas erguem-se sempre a prumo e teriam sem dúvida no cimo uma placa semelhante a um capitel, servindo de intermediário entre elas e a cobertura. Salvo alguns pilares de madeira, enterrados no solo a uma certa profundidade, estas colunas assentam apenas em socos ou placas baixas, que, por sua vez, pouco ingressam no solo ⁽³⁹⁾. No ponto de vista arquitectónico, este tipo de coluna nada tem que ver com as construções megalíticas, e só exteriormente se lhes assemelha, quando, em vez da coluna redonda, se empregam lajes grosseiras como apoio central.

Por outro lado, nem as câmaras de cúpula do sudoeste cobertas por um bloco megalítico, nem as câmaras poligonais arredondadas puramente megalíticas requerem um apoio central daquele tipo, porquanto nelas a pressão ou se distribui regularmente pela massa compacta das paredes ou por pontos de apoio dispostos em tripé. Em construções megalíticas, a necessidade de desviar das paredes a pressão da cobertura e de a fazer incidir num apoio suplementar colocado no interior da câmara só se verifica dado o seguinte conjunto de condições : um espaço alongado e largo, construção

⁽³⁷⁾ Vide as sepulturas da província de Granada em Leisner, ob. cit., «Die Megalithgräber...», págs. 357-58, Ests. 37, 38, 43 e 44; as câmaras trapezoidais de Los Millares, id. pág. 51, Est. 24. Do Sudoeste, deve incluir-se a sepultura de Nora, id., pág. 232, Est. 73, e Estácio da Veiga, ob. cit., Tomo I, págs. 248-257.

⁽³⁸⁾ Leisner, ob. cit., «Die Megalithgräber...», pág. 304.

⁽³⁹⁾ Leisner, ob. cit., «Die Megalithgräber...» págs. 306 e segs., Est. 86.

acima do terreno, pesadas pedras de cobertura e paredes compostas de um pequeno número de esteios, entre os quais existem fendas.

Daqui se vê por que as câmaras trapezoidais do sudeste, de planta semelhante à da Anta das Cabeças, assim como as longas galerias do sudoeste, puderam ser construídas quase sem excepção sem qualquer apoio central. As seguintes divergências em relação ao tipo português de construção megalítica são comuns a todas elas no todo ou em parte: pouca altura dos esteios acima do solo natural, devido isso à construção se encontrar bastante, e às vezes completamente, afundada no terreno; por esta forma ou então pela inserção da estrutura num declive, é o terreno que passa a receber o impacte da pressão da cobertura; ou ainda, menor largura interior e decomposição da cobertura num maior número de lajes menos espessas, assim como as paredes compostas de lajes bem trabalhadas e bem ligadas, graças ao que a pressão exercida por qualquer pedra de cobertura maior e mais pesada se distribui, em cada uma das paredes, por vários esteios.

O pilar das câmaras longas megalíticas não se deve, portanto, atribuir à mera influência exterior da coluna das sepulturas de cúpula, que se deveria ter feito sentir sobretudo no sudeste. Pelo contrário, deriva das naturais exigências desse tipo de construção. Isso mesmo se verifica com extraordinária nitidez na Anta das Cabeças, cujo pilar, tanto pela inclinação e cunhagem ao solo, como ainda, se bem que em menor escala, pela própria forma, se relaciona não com a coluna das sepulturas de cúpula mas sim com o esteio megalítico. Aliás, o pilar da Anta das Cabeças encontra-se colocado por forma que só serve de apoio à pedra ocidental de cobertura da câmara. Tem-se a impressão, por isso, que foi a prática de construção das câmaras poligonais que influenciou esta sua posição, o que se quadra perfeitamente com o nosso ponto de vista de que é possível reconhecer reminiscências duma antiga repartição do espaço interior total em uma câmara de menores dimensões, uma antecâmara e um corredor, na architectura das câmaras trapezoidais do sudeste.

Na Península Ibérica, como já se provou a partir doutras investigações (⁴⁰), as repartições da câmara encontram-se mais disseminadas do

(⁴⁰) Leisner, ob. cit., «Die Megalithgräber...», págs. 280, 282 e 284. Est. 18, Sep. 2 e 3; 24, Sep. 2.

que as câmaras laterais. Ao passo que estas se limitam às sepulturas de cúpula, aquelas já têm sido várias vezes apontadas em sepulturas megalíticas, embora, no tocante a Portugal, nem existam os respectivos gráficos nem indicações precisas acerca dos processos de construção utilizados. Na maior parte dos casos, porém, parece haver-se tratado da inserção de placas ligeiras, as quais, em virtude da sua fragilidade, ficaram destruídas aquando das escavações.

Na Anta das Cabeças, pelo contrário, a alta placa maciça de divisão da câmara é equivalente aos outros elementos megalíticos da construção. Tal como nela sucede, a divisão da câmara em duas metades já se encontra igualmente na cultura das sepulturas redondas do sudeste. É o que se dá em Los Millares, sobretudo na sepultura 19, no interior da qual há um muro baixo que vai da coluna até à parede meridional. E, na já tão citada sepultura trapezoidal N.º 63, igualmente de Los Millares, há também uma fila de pequenas placas que vai do pilar até à parede. Notável é ainda o facto de que, tanto nestas como em muitas outras câmaras assim repartidas, as demarcações se dirigem, vistas da entrada, para o lado esquerdo, ou seja, para o lado sul ou sudoeste da câmara.

Ainda se não acha suficientemente esclarecida a função destas demarcações. A própria Anta das Cabeças não fornece novos pontos de referência, porquanto o espaço interior da câmara se não encontrava intacto.

O reconhecimento das afinidades que ligam a Anta das Cabeças à arquitectura megalítica corrente no Alentejo, não pode ainda, contudo, resolver todos os problemas suscitados pela peculiaridade desta sepultura em Portugal. Apesar das afinidades com as câmaras poligonais, a impressão que nos dá é sobretudo a das longas câmaras uniformes, tal como sucede na Cueva de Menga. A posição do pilar ao centro de todo o conjunto arquitectónico prova primeiramente que a importância que lhe era atribuída, excedia em muito a de um esteio vulgar, e, em segundo lugar, que houve a noção da unidade de conjunto da câmara, o que é ainda comprovado pela equivalência das duas primeiras pedras de cobertura e pela posição da pedra de encerramento da câmara.

Reverendo todas as observações feitas no interior das câmaras da Anta das Cabeças e do dólmen de falsa cúpula de Vale de Rodrigo, não se nos afigura impossível que tivesse sido atribuída ao pilar, além da finalidade arquitectónica, um certo papel no culto, e assim que estas duas construções

monumentais, embora diferentes no ponto de vista da arquitectura, estejam de certo modo relacionadas no ponto de vista religioso, pelo facto de em ambas existir um fogo central para cerimónias do culto, na de Vale de Rodrigo junto igualmente do bloco medial, em que assentava, sem dúvida, um pilar. Do ponto de vista da cronologia, não se podem tomar em consideração relações como estas, verificadas dentro duma região tão estreitamente delimitada, porquanto o culto da pedra erecta e os rituais que com ele se relacionassem, se conservaram durante longo espaço de tempo comuns a todo o mundo mediterrânico e à orla atlântica. Ora foi justamente na cultura megalítica que estes conceitos constituíram o fulcro do culto, naquela se reflectindo por tão várias formas, que só por isto já poderia parecer justificado atribuir ao pilar da Anta das Cabeças esse significado mais profundo que indicámos.

O escasso número até hoje verificado de sepulturas megalíticas incólumes e o conhecimento ainda deficiente das escavações cientificamente realizadas nestes últimos dez anos, não permitem determinar ainda se, ou em que medida, poderão dados idênticos ser fornecidos por outras sepulturas alentejanas ⁽⁴¹⁾. Vestígios de fogo, cuja interpretação, todavia, se manteve duvidosa na maior parte dos casos, foram também reconhecidos em escavações mais antigas ⁽⁴²⁾.

Infelizmente, as esperanças de que o espólio da Anta das Cabeças fornecesse indicações seguras não só para a fixação da sua posição cronológica como ainda para que se tirassem conclusões sobre a Cueva de Menga, só muito escassamente se realizaram, sobretudo pela completa ausência de cerâmica intacta. É notável que os objectos do espólio são quase todos de tipo primitivo e de material local, pelo que não surge qualquer divergência

⁽⁴¹⁾ Cf. os resultados do exame das sepulturas algarvias de Alcalar 1 e do Monte Velho 1, no interior de cujas câmaras foram encontrados blocos de pedra semelhantes a socos. Leisner, ob. cit., «Die Megalithgräber...», págs. 235 e 243-44.

⁽⁴²⁾ Por exemplo: A. dos Santos Rocha, ob. cit., e H. Obermaier, «El dolmen de Soto, in Boletín de la Sociedad Española de Excursiones, 32, 1924. Cf. ainda Leisner, ob. cit., «Die Megalithgräber, pág. 226. Pelo que respeita às sepulturas do Sul da Península e às relações entre pedras bétulos e colunas, cf. id. pág. 551. Idênticos vestígios de fogo se encontram nos primitivos tholoi minóicos. Prähistorische Zeitschrift 6, 1914, pág. 350.

entre o aspecto cultural da Anta das Cabeças e o da restante cultura alentejana dos dólmenes de corredor — resultado que se coaduna com as conclusões extraídas da investigação do pilar e que vem reforçar a nossa atribuição do monumento à população megalítica exclusivamente portuguesa. Mas terá afinal havido influências do sul? Deve notar-se que, em relação a estes dois grandes monumentos da região de Évora, ainda não foram encontrados paralelos nas regiões imediatamente circunvizinhas, pelo que não deixa de ocorrer a ideia que este rico domínio cultural fosse já então um centro a que pudessem acorrer sugestões provenientes doutras regiões da Península.

Pela sua inserção no terreno, posição vertical dos pilares sob as juntas da cobertura, e perfeito acabamento dos esteios murais, no sentido do ajustamento, a Cueva de Menga, mais ainda do que a Anta das Cabeças, representa um intermediário entre a arquitectura portuguesa e a arquitectura meridional. E é claro que a Cueva de Menga se deve agora aproximar do âmbito da arquitectura megalítica portuguesa ainda mais do que já anteriormente frisáramos. Contudo, por enquanto é impossível fixar a prioridade de qualquer delas em relação à outra, não só pela escassez do inventário da Cueva de Menga, como pela ausência de provas cabais que permitissem incluir sem sombra de dúvida a Anta das Cabeças no curso evolutivo da arquitectura alentejana.

Se identificássemos a época da construção da Anta das Cabeças com aquela a que pertencem as pequenas pontas de seta pediculadas, seria possível estabelecer um confronto cronológico (visto que este estádio ainda se não encontra claramente definido nas sepulturas megalíticas) com as primitivas grutas artificiais (por exemplo, com a N.º 2 de Alapraia) ⁽⁴³⁾, o que nos levaria à época do auge da cultura do vaso campaniforme. Esta hipótese seria corroborada não só pela existência na Anta das Cabeças de um objecto votivo de mármore, estranho à cultura megalítica, como ainda o facto da sepultura com corredor do Monte Abraão, também desta época, conter igualmente numerosas pequenas pontas de seta pediculada de formas simples.

⁽⁴³⁾ A. do Paço, E. Jalhay, «A gruta II da necrópole de Alapraia». Anais da Academia Portuguesa da História. Publicações comemorativas do duplo centenário da fundação e restauração de Portugal. 4, Lisboa 1941, pág. 107.

Em comparação com o sudeste, estaríamos neste caso no fim do segundo período da cultura de Almeria, caracterizada pelo auge do ídolo chato, pelo aparecimento das primeiras pontas de seta pequenas de base recta e côncava, e pelo início dos paralelos com a cultura das grutas artificiais — uma época sem dúvida contemporânea dos princípios da cultura de Los Millares, em cuja primeira fase se situa a evolução até à câmara trapezoidal no sudeste.

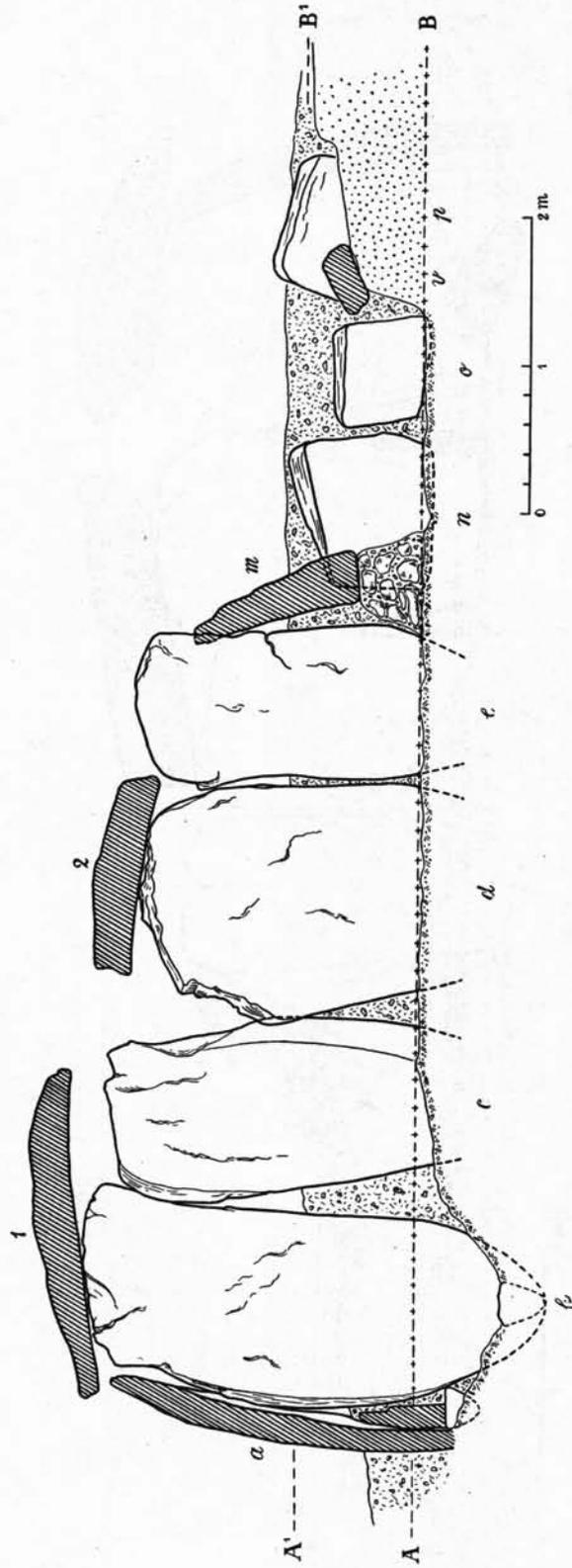
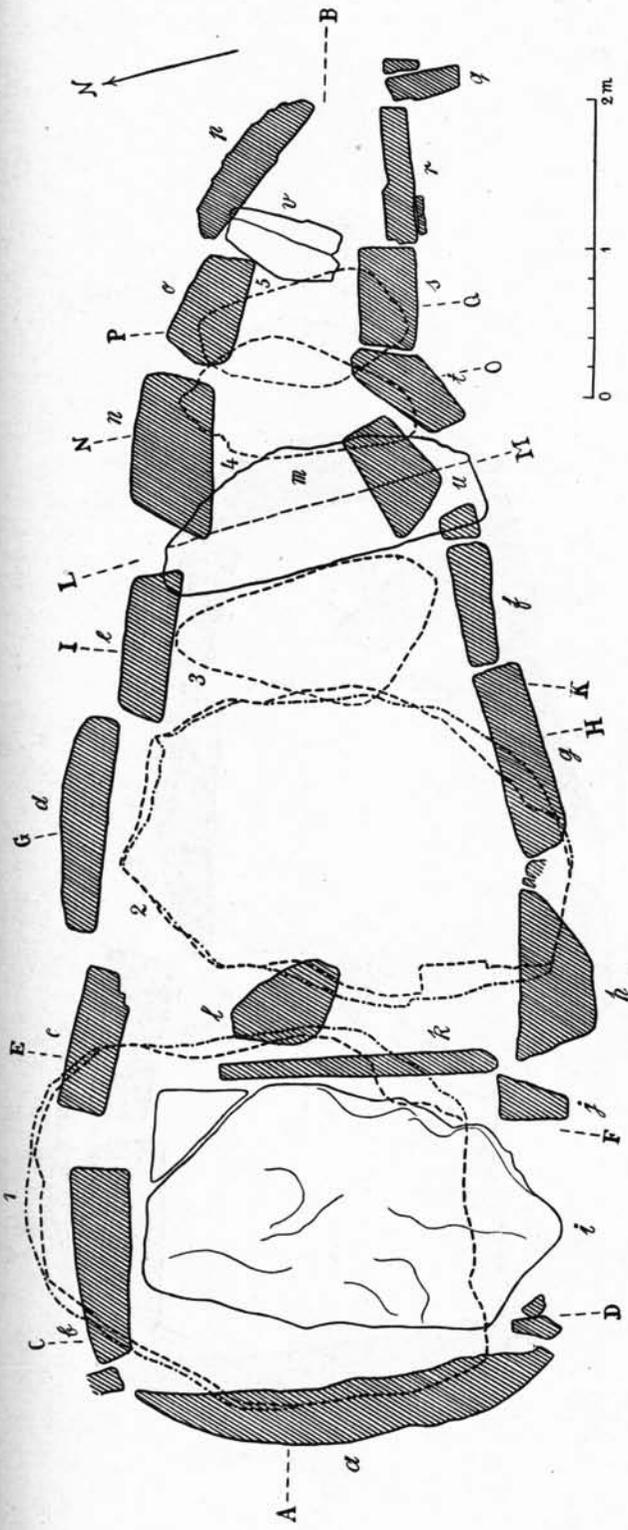
Segundo a cronologia estabelecida por J. Martinez Santa Olalla ⁽⁴⁴⁾, este período corresponde à primeira fase do bronze mediterrânico, colocada por aquele investigador entre 2.000 e 1.500 antes de Cristo. Segundo a subdivisão deste período proposta para Portugal por E. Jalhay ⁽⁴⁵⁾, a Anta das Cabeças, a julgar pelas relações acima estabelecidas, e tal como as primeiras grutas artificiais, situar-se-ia na primeira fase deste período. Visto nos inclinarmos, como já declarámos em trabalhos anteriores, a referir o início da cultura de Los Millares pelo menos a um ou dois séculos antes da data fixada por Santa Olalla ⁽⁴⁶⁾, julgamos que a Anta das Cabeças poderia ter sido construída na transição do terceiro para o segundo milénio antes de Cristo; e, concomitantemente, dever-se-ia também referir a construção da Cueva de Menga a uma época um tanto anterior àquela que nós próprios temos admitido até agora.

⁽⁴⁴⁾ Julio Martinez Santa Olalla, «Esquema Paleontológico de la Peninsula Hispánica», in Corona de Estudios que la Sociedad Española de Antropología, Etnografía y Prehistoria dedica a sus Martires. Madrid 1941, pág. 152.

⁽⁴⁵⁾ Eugénio Jalhay, «O Monumento Pré-histórico do Casal do Zambujal» in «Brotéria», Vol. LII, Fasc. 4, Abril 1946.

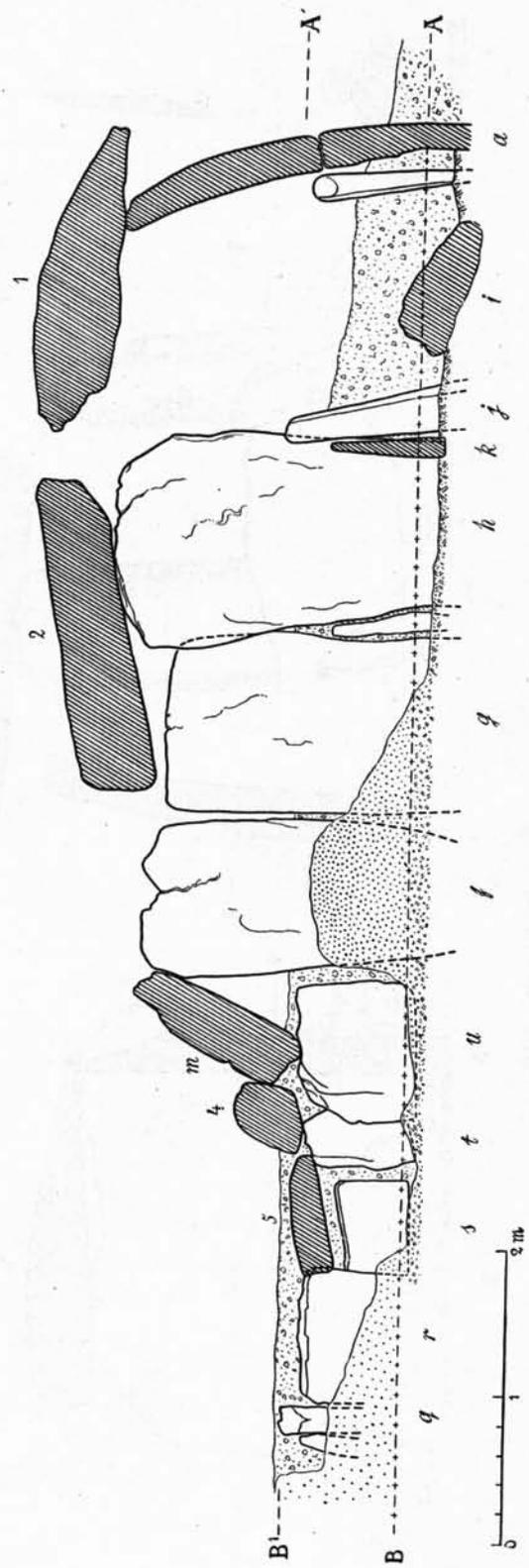
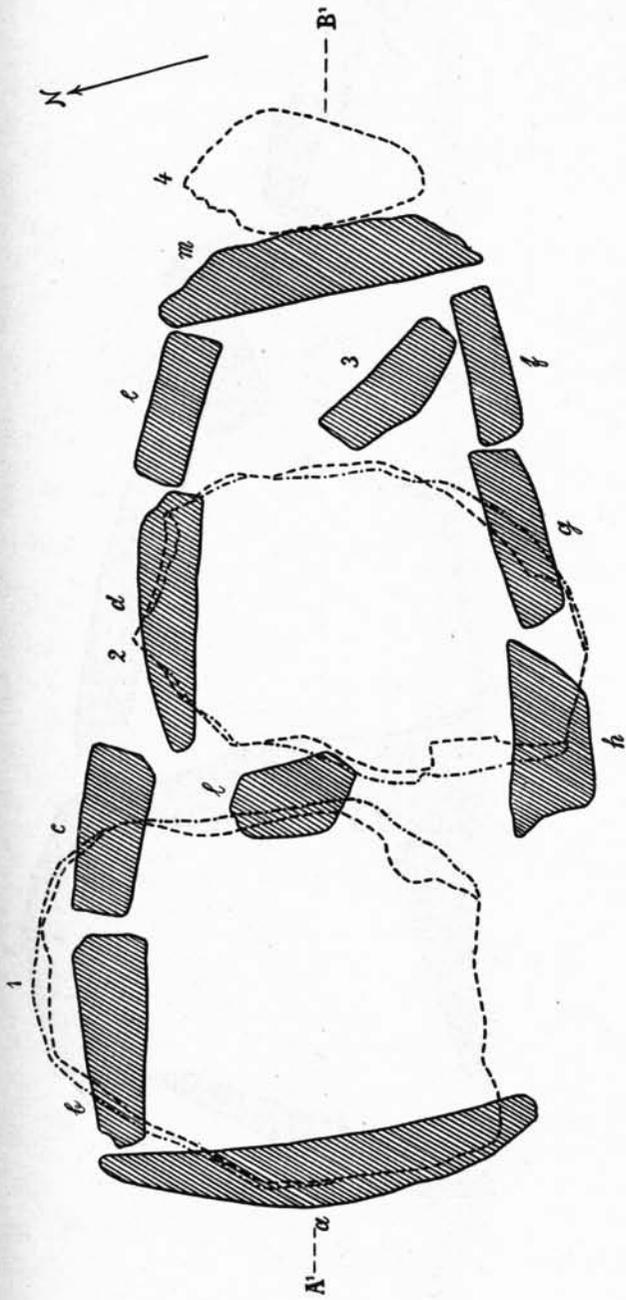
⁽⁴⁶⁾ Leisner, ob. cit., «Die Megalithgräber...», pág. 588; «A cultura Eneolítica...» pág. 20.

ESTAMPA I

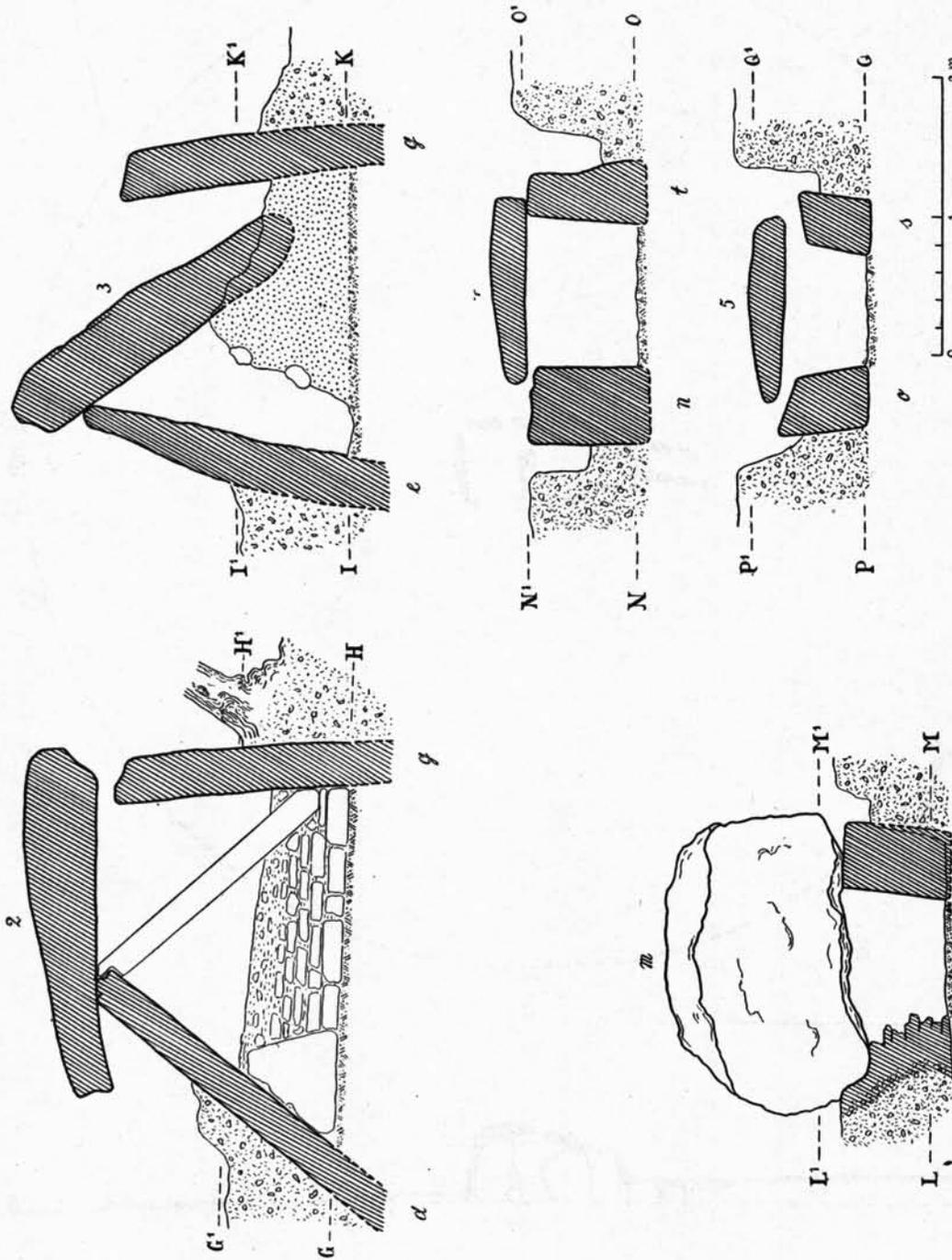


1. PLANTA NO NÍVEL INFERIOR (solo primitivo).
2. ALÇADO DA PAREDE NORTE.

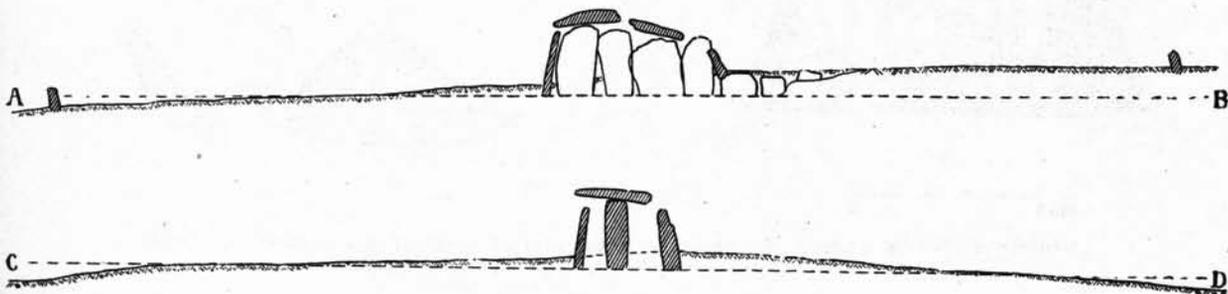
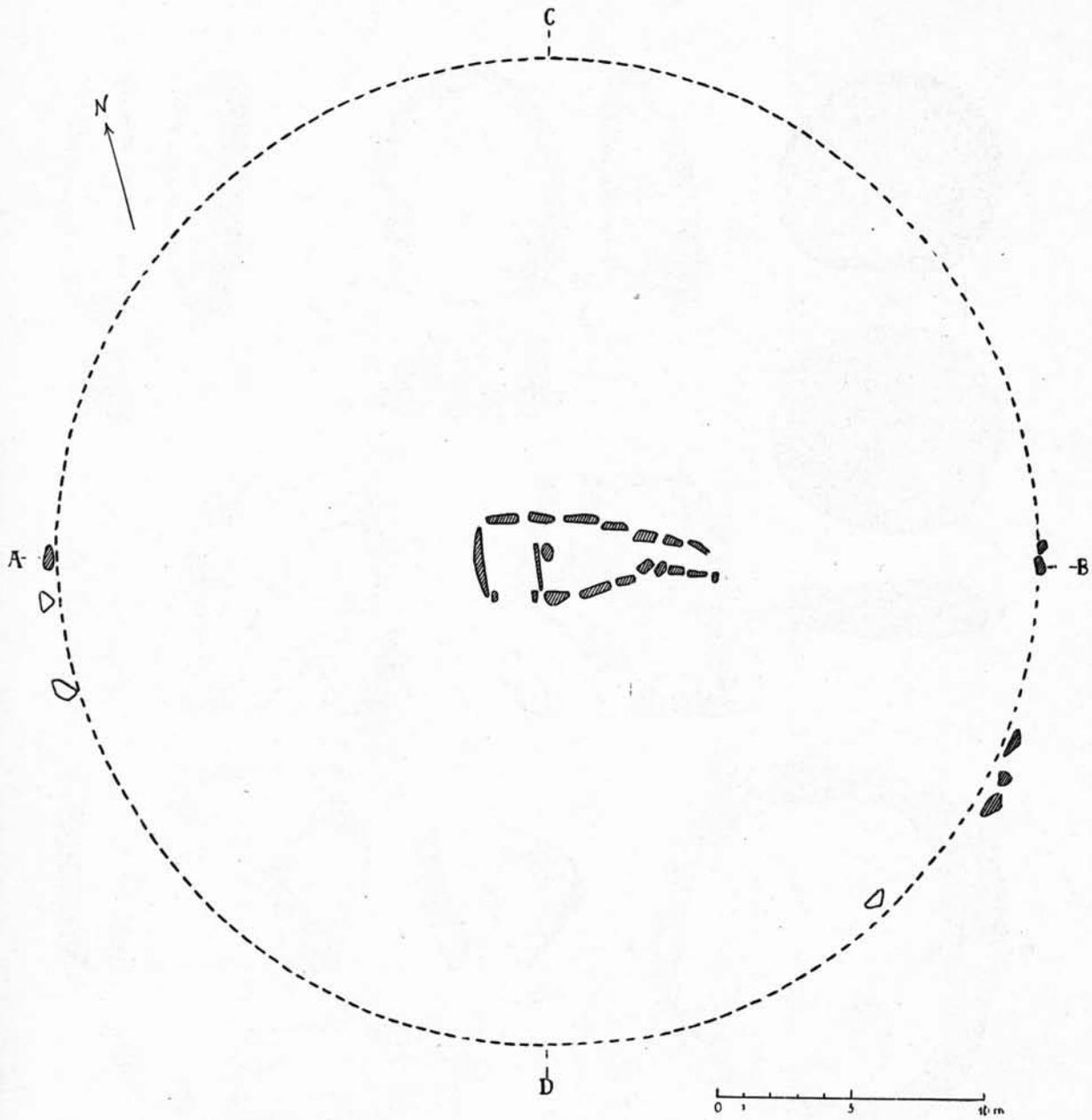
ESTAMPA II



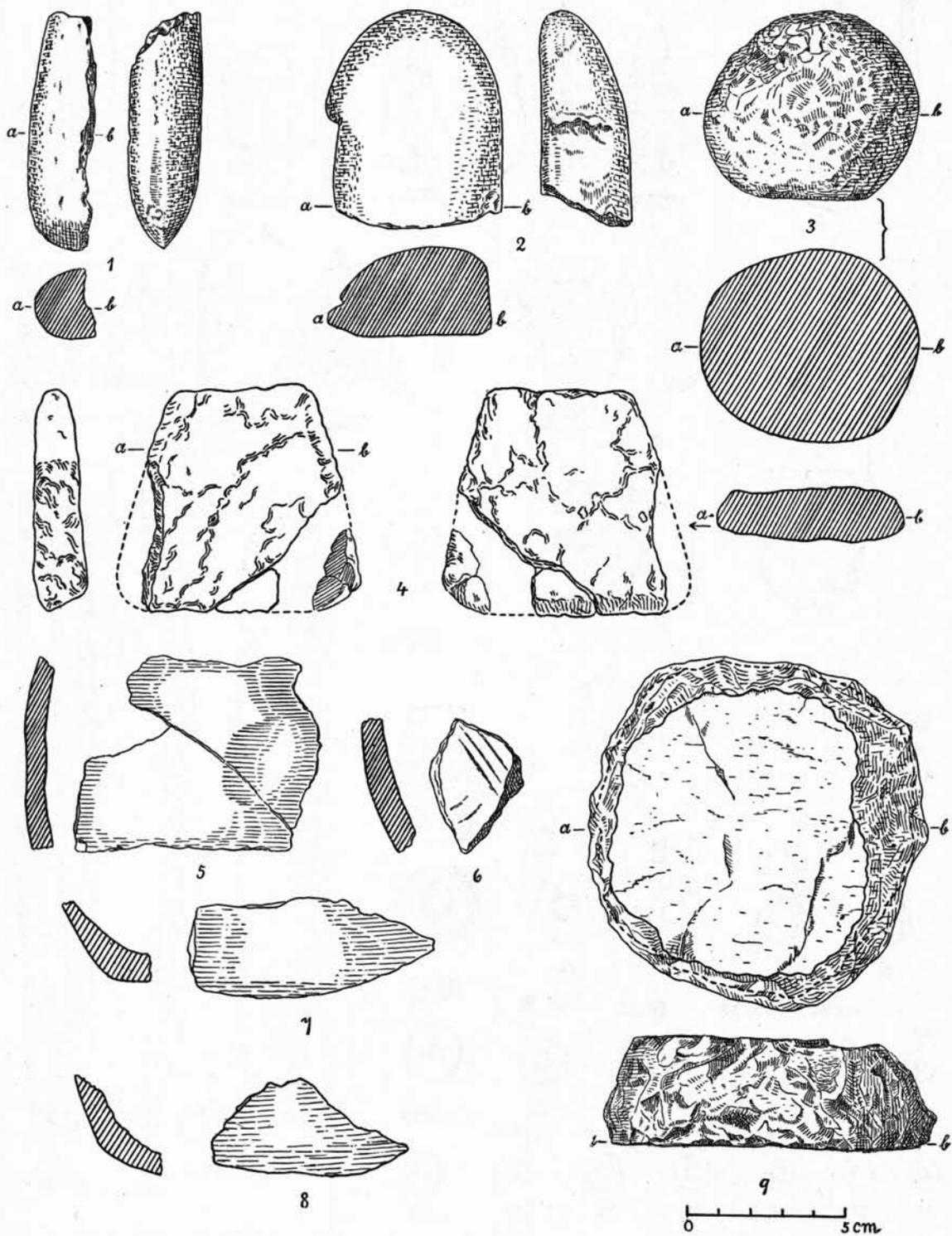
1. PLANTA NO NÍVEL SUPERIOR (solo antes da escavação).
2. ALÇADO DA PAREDE SUL.



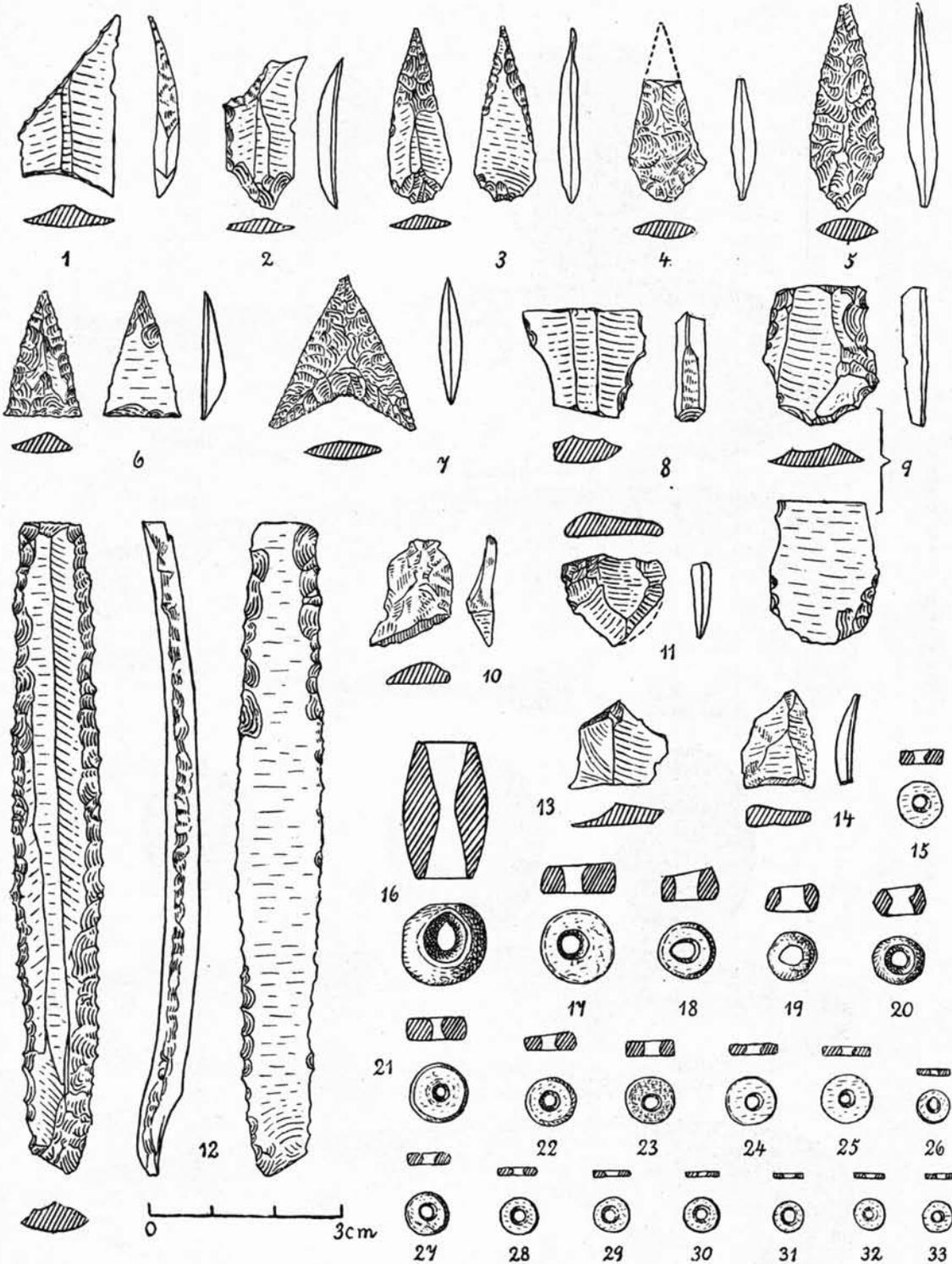
1. CORTE TRANSVERSAL G—H: O ESTEIO DESCAÍDO *d* COM AS OBRAS DA SUA CONSOLIDAÇÃO.
 2. CORTE TRANSVERSAL I—K: A PEDRA DE COBERTURA 3.
 3. CORTE TRANSVERSAL L—M: A PEDRA DO ENCERRAMENTO DA CÂMARA.
 4. CORTE TRANSVERSAL DO CORREDOR N—O.
 5. CORTE TRANSVERSAL DO CORREDOR P—Q.



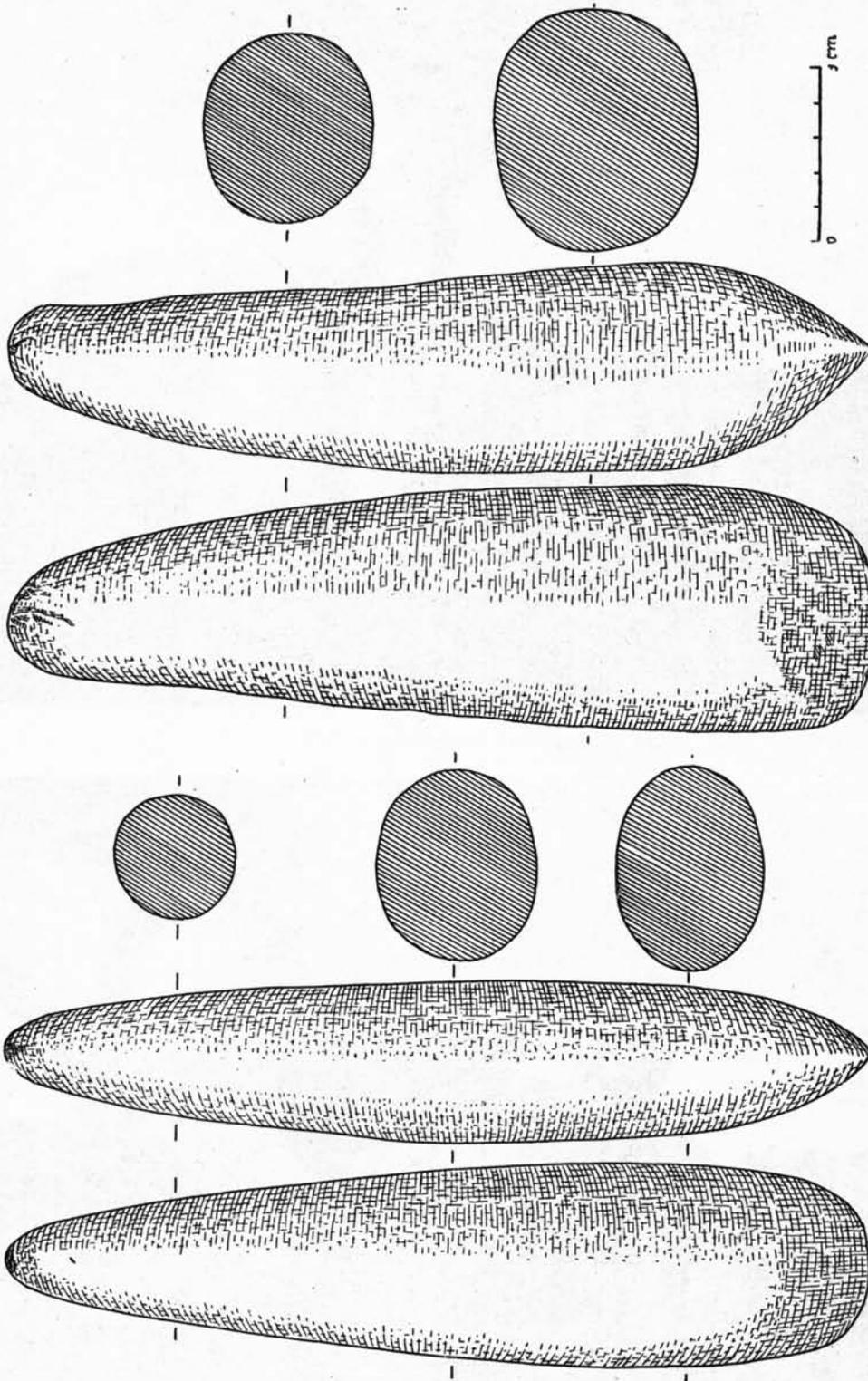
PLANTA E ALÇADOS DA COLINA TUMULAR.



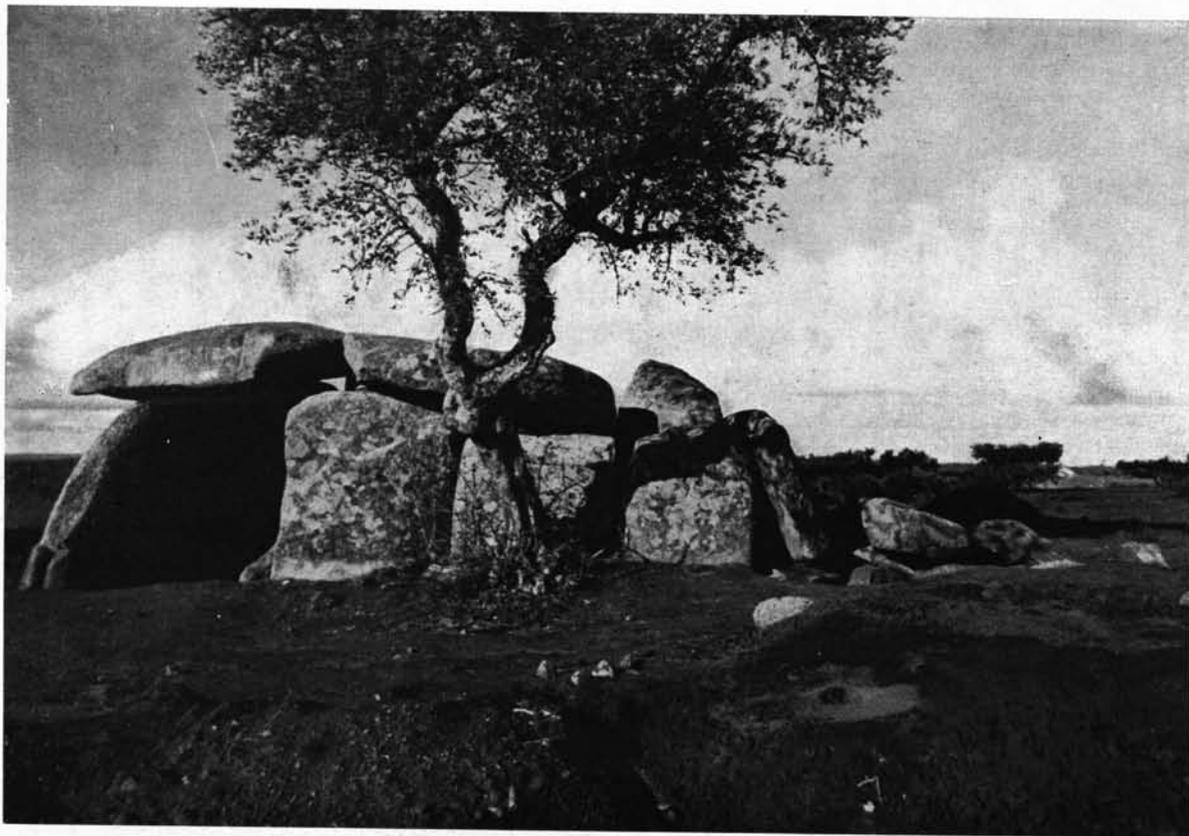
PEÇAS DO ESPÓLIO: 1 E 2: PEDRA POLIDA; 3 E 9: QUARTZO; 4: OBJECTO VOTIVO DE MÁRMORE;
5-8: CERÂMICA



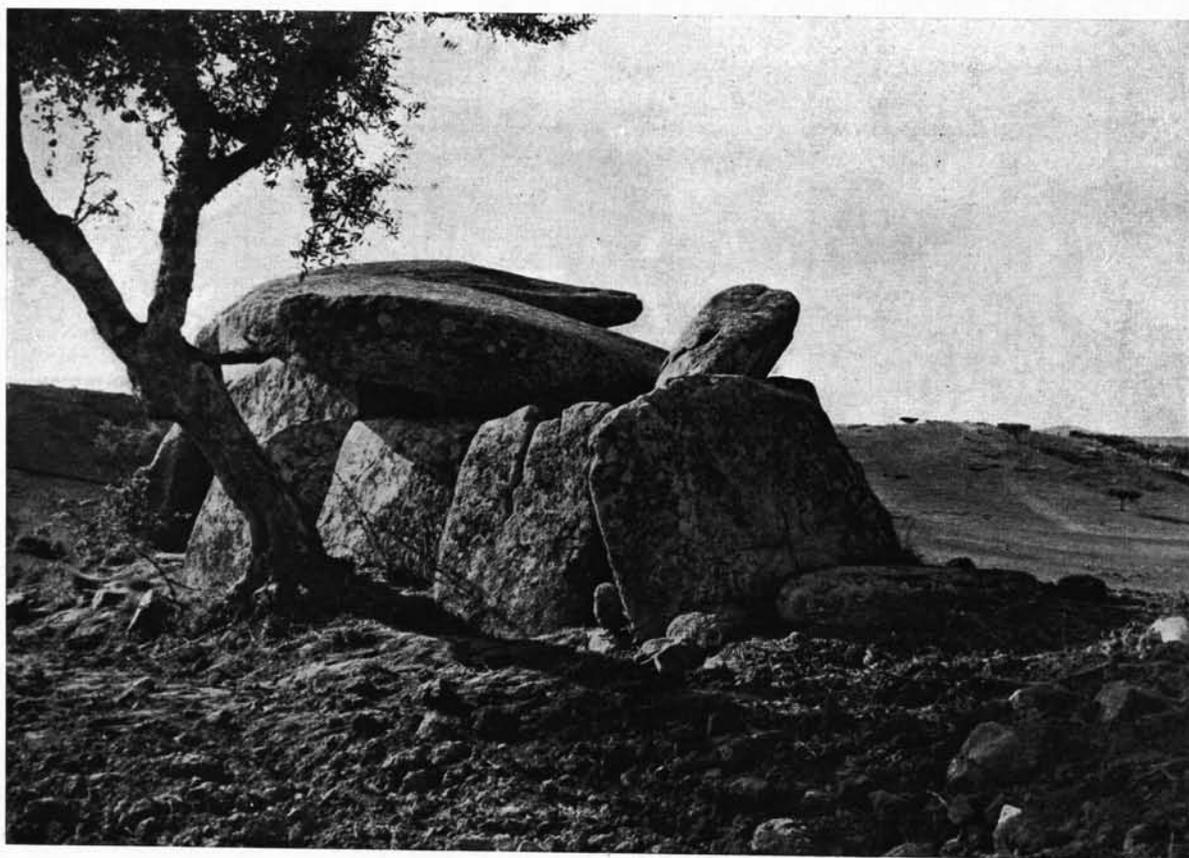
PEÇAS DO ESPÓLIO: 1-7: PONTAS DE SETA; 8-12: FACA, FRAGMENTOS DE FACAS E PEQUENOS INSTRUMENTOS DE SILEX E QUARTZO; 15-33: CONTAS.



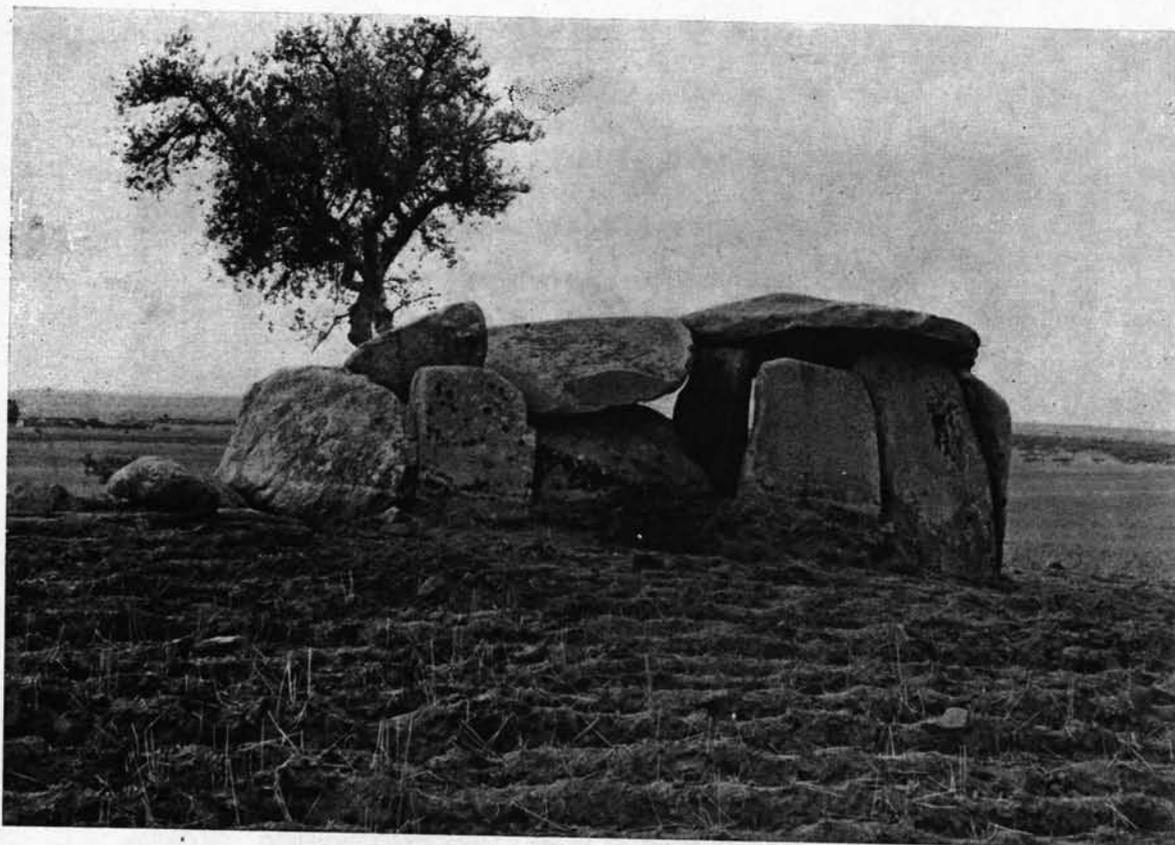
MACHADOS ENCONTRADOS NA ORLA DA COLINA TUMULAR.



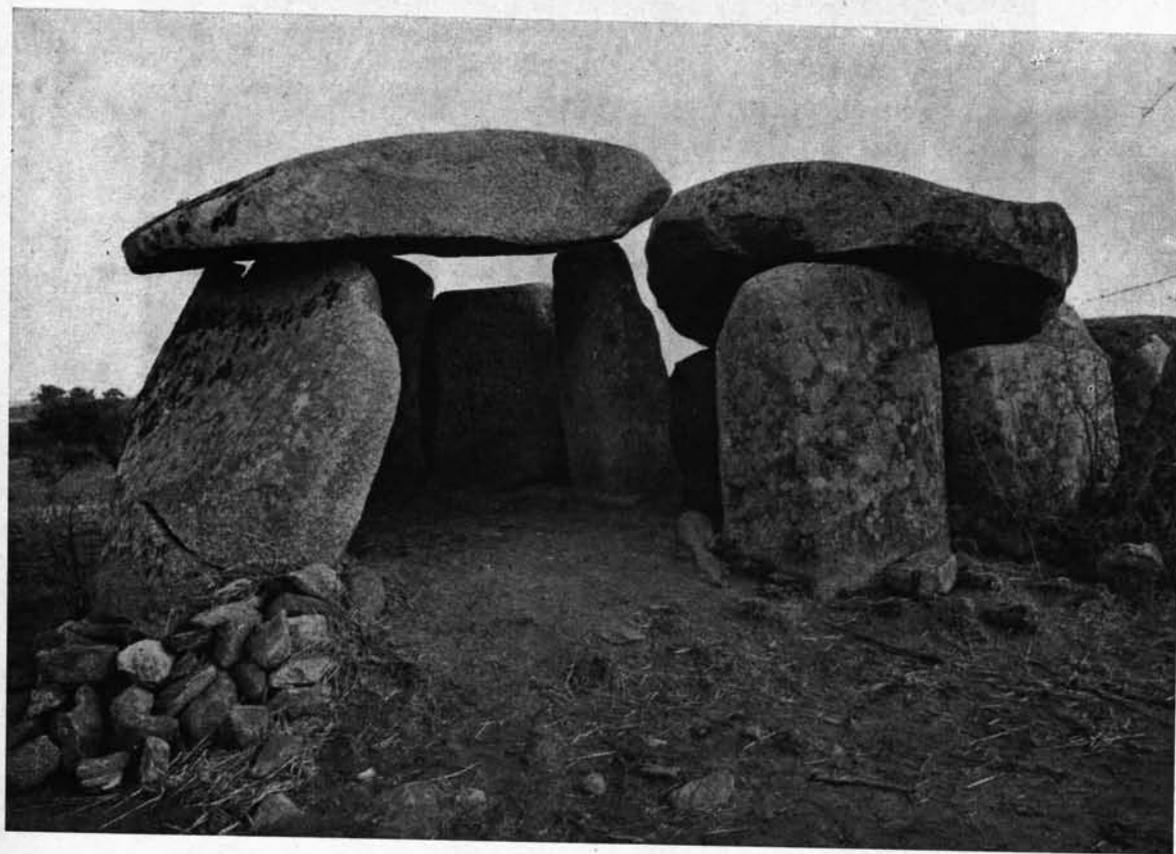
1. VISTA TOTAL DO LADO SUL, DEPOIS DA ESCAVAÇÃO.



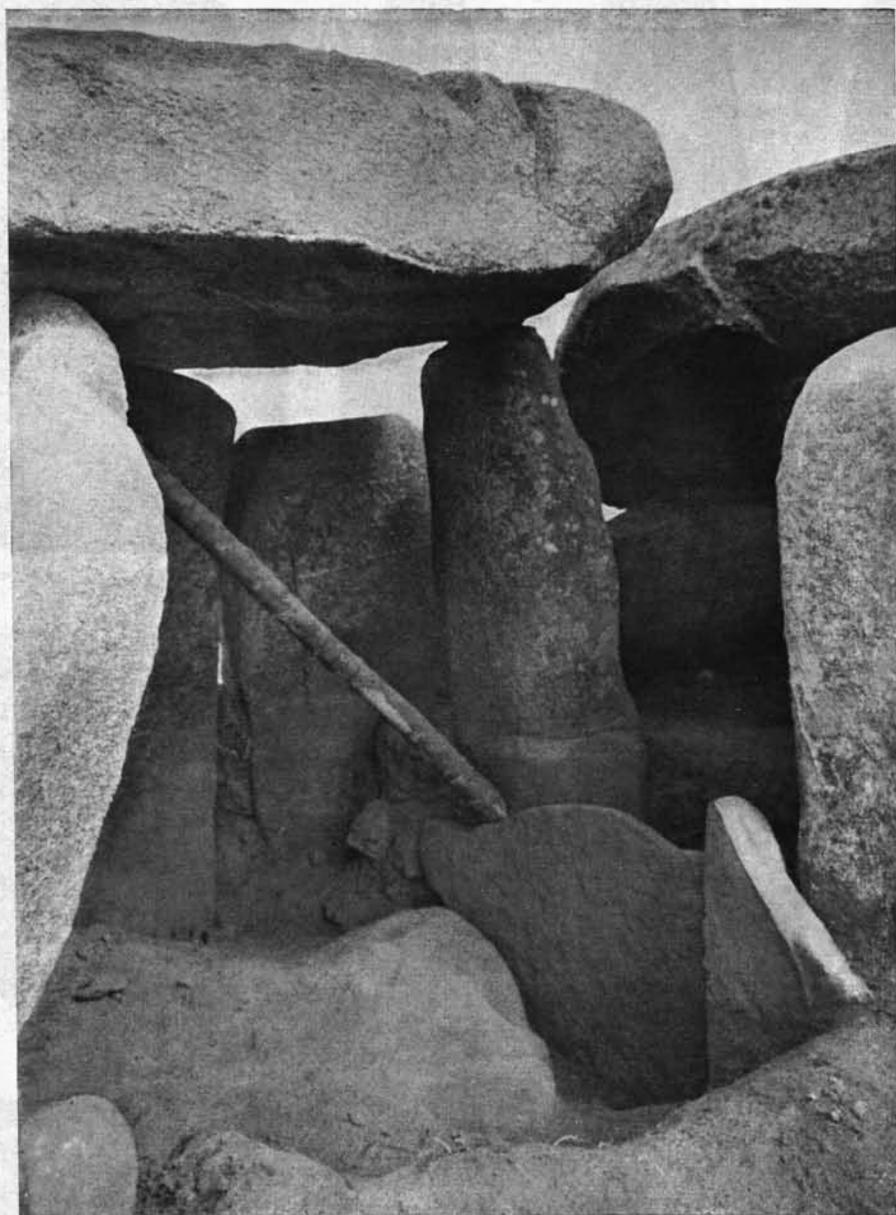
2. VISTA DO LADO SUDESTE, ANTES DA ESCAVAÇÃO.



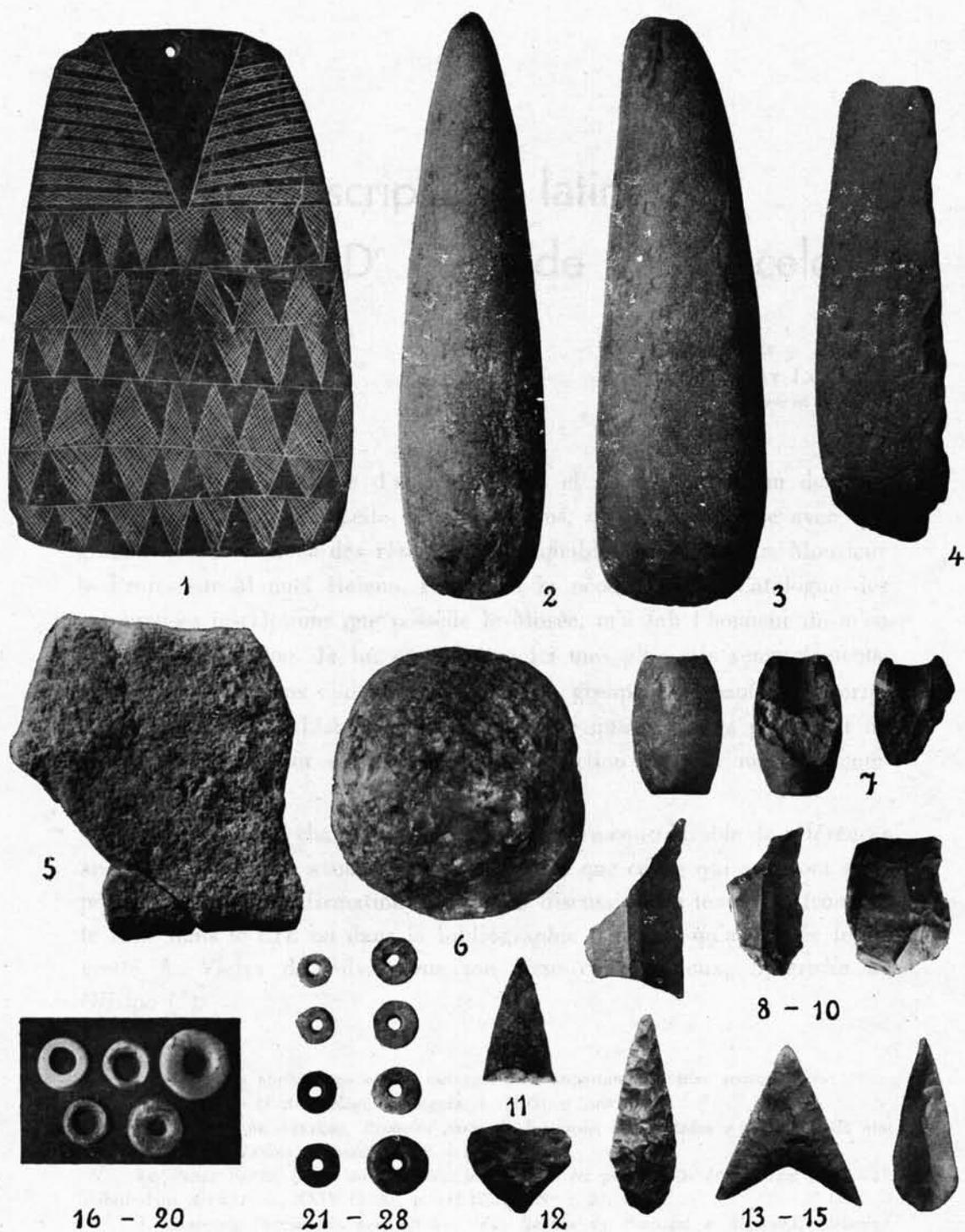
1. VISTA DO LADO NORTE.



2. VISTA DO LADO SUDOESTE PARA O INTERIOR DA CÂMARA, ANTES DA ESCAVAÇÃO.



O PILAR E A PLACA *k*, DURANTE A ESCAVAÇÃO.



PEÇAS DO ESPÓLIO: 1: PLACA DE XISTO; 2-3: MACHADOS DE PEDRA; 4: FRAGMENTO DE MACHADO DE PEDRA; 5: FRAGMENTO DE PLACA DE MÁRMORE; 6: ESFERA DE QUARTZO; 7: CONTA DE SERPENTINA; 8 e 9: MICRÓLITOS TRAPEZOIDAIS; 10 e 12; FRAGMENTOS DE FACAS; 11, 13-15: PONTAS DE SETA; 16-28: CONTAS. ESCALA: N.º 1-3: 2/5; N.º 5: 3/4; N.º 6: 2/3; N.ºs 7-28: 1/1.